

**UNIVERSIDADE EVANGÉLICA DE GOIÁS – UNIEVANGÉLICA**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**ANA LUÍSA PIRES DE SOUZA**  
**DÉBORA CHRISTINE GUIMARÃES**  
**JOÃO LUCAS DA ROCHA GOULART**  
**LORENA CRISTINA DO NASCIMENTO ALMEIDA**

**CARTOGRAFIA DO *THE RED PILL*:**  
**SOFRIMENTO PSÍQUICO E INTERSECCIONALIDADES**

**ANÁPOLIS**

**2023**

**ANA LUÍSA PIRES DE SOUZA  
DÉBORA CHRISTINE GUIMARÃES  
JOÃO LUCAS DA ROCHA GOULART  
LORENA CRISTINA DO NASCIMENTO ALMEIDA**

**CARTOGRAFIA DO *THE RED PILL*:  
SOFRIMENTO PSÍQUICO E INTERSECCIONALIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA), como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Psicologia.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Me.<sup>a</sup> Jéssica Batista Araújo.

**ANÁPOLIS**

**2023**

**ANA LUÍSA PIRES DE SOUZA  
DÉBORA CHRISTINE GUIMARÃES  
JOÃO LUCAS DA ROCHA GOULART  
LORENA CRISTINA DO NASCIMENTO ALMEIDA**

**CARTOGRAFIA DO *THE RED PILL*:  
SOFRIMENTO PSÍQUICO E INTERSECCIONALIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Evangélica de Goiás  
(UniEVANGÉLICA), como requisito parcial à  
obtenção do título de Bacharelado em  
Psicologia.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Me.<sup>a</sup> Jéssica Batista Araújo.

Banca Examinadora

Prof.<sup>a</sup> Me.<sup>a</sup> Jéssica Batista Araújo  
Professora-Orientadora – Presidente da Banca  
Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA)

Prof.<sup>a</sup> Me.<sup>a</sup> Ana Luísa Lopes Cabral  
Professora-Convidada  
Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA)

Anápolis, ..... de ..... de 2023.

Para todos aqueles que encontramos e que  
conosco percorreram caminhos para além das  
retas margens.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a todas as pessoas – sejam elas militantes de movimentos sociais, pesquisadoras ou comunidade – que lutam diariamente, com muita garra e responsabilidade, por uma sociedade mais justa e pela diminuição dos discursos de ódio. Nos considerem enquanto companheiros de resistência.

Agradecemos aos nossos familiares por, de maneiras muito diversas e até mesmo contraditórias, fazerem parte da nossa constituição enquanto filhos e filhas, enquanto sujeitos e enquanto acadêmicos.

Agradecemos, também, aos professores e professoras que, no decorrer da nossa caminhada acadêmica, não apenas nos passaram o conhecimento, mas também nos instigaram a uma prática comprometida socialmente. É uma honra que agora sejamos colegas de profissão.

Agradecemos aos nossos amigos, amigas, companheiros e companheiras, por cada sorriso e lágrima que partilhamos ao longo do processo de pesquisa sobre uma temática tão difícil. Foi no colo de vocês que encontramos alento nos momentos mais complicados da escrita.

Agradecemos, por fim, à nossa professora e orientadora Jéssica Batista Araújo, por plantar em nós a semente da crítica e regar nosso jardim com suas experiências, segurando em nossas mãos com paciência e atenção ao longo do caminho e nos incentivando a encontrar linhas de fuga. Com você, aprendemos a procurar passagens por entre as fissuras.

*“Não imagine que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo que a coisa que se combata seja abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga, nas formas de representação) que possui uma força revolucionária”.*

*Michel Foucault, “Introdução à vida não-fascista”, 1977.*

## RESUMO

No emaranhado da sociedade (crise) informacional, dos colapsos socioeconômicos, emergem movimentos e confrontos ideológicos com repercussões éticas, políticas e afetivas. Neste cenário, por entre as fronteiras do físico e virtual repercute um grupo masculinista e de extrema-direita, movido por ideais hegemônicos arraigados, *The Red Pill*. Explorar as práticas, discursos e verdades que permeiam o movimento nos conduziram ao passado e às tramas cibernéticas, a partir de um mapeamento histórico, social e cultural, permitindo-nos desenhar os contornos entre as relações de poder e saber e os dispositivos de gênero, tecnológicos e algorítmicos, que culminam no sofrimento psíquico daqueles articulados, inseridos ou alvos dessa partícula da machosfera.

**Palavras-Chave:** *Red Pill*; dispositivo; gênero; subjetividade; sofrimento.

## LISTA DE SIGLAS

|            |   |
|------------|---|
| LGBTQIAPN+ | Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queers, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-Binárias e mais. |
| TRP        | <i>The Red Pill</i>   |
| AIB        | Ação Integralista Brasileira  |
| EUA        | Estados Unidos da América   |
| URSS       | União das Repúblicas Socialistas Soviéticas   |
| CGT        | Comando Geral dos Trabalhadores   |
| SUPRA      | Superintendência da Política da Reforma Agrária   |
| CAMDE      | Campanha da Mulher pela Democracia  |
| LIMDE      | Liga da Mulher Democrata  |
| UCF        | União Cívica Feminina   |
| MBL        | Movimento Brasil Livre  |
| BP         | Brasil Paralelo   |
| VSM        | Valor Sexual de Mercado   |
| IoT        | Internet das Coisas   |

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>10</b> |
| <b>2 RECORTE HISTÓRICO-POLÍTICO: REVISITAR O PASSADO PARA<br/>COMPREENDER O PRESENTE.....</b> | <b>16</b> |
| 2.1 Conservadorismo(s).....   | 16        |
| 2.2 Extrema-Direita e Fascismo à Brasileira.....  | 18        |
| <b>3 SUBJETIVAÇÃO NO CIBERESPAÇO: HIPERCONNECTIVIDADE, CONTROLE E<br/>VIGILÂNCIA.....</b>     | <b>27</b> |
| <b>4 NEOLIBERALISMO, DISPOSITIVOS DE GÊNERO E PRODUÇÃO DE<br/>VERDADE.....</b>                | <b>34</b> |
| 4.1 O Homem <i>Red Pill</i> Eficaz Neoliberal.....  | 35        |
| 4.2 A Mulher aos Olhos da <i>The Red Pill</i> .....   | 37        |
| 4.3 A Família Ideológica.....   | 41        |
| 4.4 A Ciência Evolucionista Acrítica.....   | 42        |
| 4.5 Gênero e Adoecimento.....   | 45        |
| <b>5 THE RED PILL E A SUBJETIVIDADE FEMININA.....</b>   | <b>49</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>58</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>  | <b>59</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A história da humanidade é marcada por inúmeras e diversificadas crises, sejam elas econômicas, políticas, sociais, ambientais ou diplomáticas. Sobretudo no decorrer do Século XX, diferentes crises criaram outras formas de existência, demandando que a sociedade se reorganizasse e se adaptasse, movimentando as relações de poder e dominação.

Em 1960, com o surgimento e disseminação do movimento feminista, iniciam os primeiros presságios da crise da identidade masculina. O movimento feminista começa a discutir e questionar a posição historicamente construída de dominação e opressão dos homens sobre as mulheres e a naturalização dos privilégios masculinos, buscando outras alternativas de existência, tanto no meio acadêmico quanto no meio social, cultural e político.

Diz-se sobre crise da identidade masculina, e não sobre a crise da masculinidade, porque o que estava em discussão não era a posição de poder dos homens, e sim as diversas possibilidades de existir enquanto homem – possibilidades que desviavam da cis heteronormatividade viril e agressiva, pois, ainda que não da mesma maneira do padrão heterossexual, os homens gays da época também reivindicavam sua masculinidade e virilidade (Voks, 2021). Com a disseminação de conteúdos da cultura popular, tais como revistas e filmes, que incitavam os homens a questionar a naturalização de estereótipos da masculinidade hegemônica, acontece uma libertação das masculinidades desviantes. Este grupo não abarcava apenas homens da comunidade LGBTQIAPN+, e sim qualquer homem que apresentasse características que não eram consideradas viris, como facilidade para conversar sobre suas emoções, sentimentalismo e choro.

A partir de 1970, esta masculinidade tradicional, já em crise, passou a ficar cada vez mais insustentável. Ocorrem mudanças em todas as dimensões, com a ascensão do ingresso das mulheres no mercado de trabalho, no esporte, na política e nos ambientes sociais de forma geral, ocupando espaços e conquistando outros territórios, o que afeta diretamente os privilégios masculinos que eram exercidos. As posições estratégicas de poder começam a ser desempenhadas de maneira mais igualitária. Diante disso, surgem, a partir dos anos 80, “clubes de recuperação da masculinidade, grupos de discussão e de psicoterapia exclusivamente para homens” (Voks, 2021, p. 7). Nessa mesma época, surge um movimento reacionário às ações encabeçadas pelas feministas: a criação do *Men's Studies*, ou Estudos Masculinistas. A denominação “masculinista”, como foi traduzida para o português, tinha a intenção proposital de contrastar com o feminismo, equivalendo as questões dos homens àquelas historicamente relacionadas às mulheres. Estes estudos tinham como principal

objetivo apontar os malefícios físicos e psicológicos que – segundo os estudiosos dessa linha de pensamento – eram ocasionados pelas mudanças do paradigma da masculinidade que vinham acontecendo na época (Oliveira, 2004).

Cria-se, a partir desta crise identitária, uma nova maneira de se produzir subjetividades. Se, anteriormente, era considerado “homem” aquele que era mais dotado de virilidade, que conquistava mais parceiras sexuais e que tinha mais poder aquisitivo, agora essa identidade passava a ser definida com base em outros critérios. A conquista de uma maior liberdade sexual pela parte do movimento feminista gera um fenômeno contraditório na construção da masculinidade: antes, era mais “homem” quem tinha melhor desempenho sexual; agora, a virilidade está relacionada a quanto de prazer sexual um homem consegue proporcionar a uma mulher.

A revista *Playboy* – conhecida principalmente por ser uma das primeiras revistas de entretenimento erótico do mundo, mas que também tinha o objetivo de levar informações sobre saúde, sexualidade e outras temáticas –, no decorrer das décadas de 1980 e 1990, apresentava manuais direcionados aos homens sobre como satisfazer a parceira com um orgasmo, por meio de instruções e imagens que relacionavam o prazer feminino à capacidade de desempenho sexual masculina. Além do teor cis heteronormativo, que excluía a possibilidade de outras orientações e parcerias sexuais, um outro problema desse tipo de matéria era a subjugação da mulher ao homem, a forma como todas as dimensões da vida feminina – inclusive sua sexualidade e sua intimidade – eram constantemente submetidas ao poder masculino.

Com a popularização das redes tecnológicas, as plataformas sociodigitais se tornaram espaços de confronto e identificação, em um movimento contínuo de afetos, que se estendem para além do on-line e ecoam nas dinâmicas sociais, nutrindo modos arraigados de constituição das subjetividades que acentuam e mantêm desigualdades geradas pelo sistema neoliberal. É neste contexto que o ambiente virtual se tornou propício para a construção de *websites* destinados à propagação de conteúdos violentos, sob a segurança do anonimato, direcionados especialmente a minorias historicamente subjugadas e estigmatizadas (Félix; Lima-Santos e Santos, 2022), como mulheres, pessoas pretas, pessoas com deficiência, população LGBTQIAPN+, imigrantes e refugiados.

Conectados à ascensão de ideologias e movimentos antidemocráticos frente à expansão de coletivos e lutas em prol de inclusão, equidade e emancipação social de grupos vulnerabilizados socioeconomicamente, emerge uma rede heterogênea constituída por fóruns, sites e comunidades de plataformas sociodigitais (*Facebook, Instagram, Twitter, TikTok,*

*YouTube, Reddit, Discord e 4chans*) instigadas por ideais de hipermasculinidade, designada como *manosphere* (Van Valkenburgh, 2021). Uma esfera masculina que se estende através de estratégias de publicidade e de algoritmos de recomendação de conteúdo em seus diferentes formatos, seja por meio de *memes* e *shitposts*, visto seu aspecto popular, humorístico e provocativo, seja por via de *podcasts* de bate-papo, considerando a alta visibilização, seja por teorias da conspiração, recorrendo à vitimização como plano de fundo (Félix, 2022).

A *manosphere*, no Brasil, se constitui a partir do Masculinismo, composto por grupos de homens que se expressam com ressentimento àquilo que identificam como “misândrico”, “multicultural” e “politicamente correto” (Vilaça e d’Andréa, 2021). Para a perpetuação de sua ideologia, os membros deste movimento se utilizam de teorias de classificações hierárquicas, enquadradoras e generalistas, como a Psicologia Evolucionista de inspiração Darwinista e teorias econômicas neoliberais. Os integrantes do Masculinismo consideram que as desigualdades de gênero não são construídas e reproduzidas socialmente, em uma estrutura histórica de poder, mas sim por meio de determinações biológicas. Assim, possuem o objetivo de retornar às formas tradicionais de relacionamento, buscando um resgate e manutenção da cultura judaico-cristã e dos ideais de masculinidade e feminilidade, e combatendo as diversas manifestações e avanços de movimentos progressistas.

O movimento Masculinista é composto por diversas ramificações – ou subculturas –, tais quais: *Men’s Rights Activists* (Ativistas pelos Direitos dos Homens), *Pickup Artists* (artistas da sedução); *Men’s Human Rights Movements* (Movimentos pelos Direitos Humanos dos Homens); *Men’s Human Rights Advocates* (Advogados pelos Direitos Humanos dos Homens); *Men Going Their Own Way* (Homens seguindo seu próprio caminho); *Incels* (celibatários involuntários) (Vilaça e d’Andréa, 2021). Apesar do vasto repertório de ramificações do Masculinismo, a pesquisa se desenvolverá partindo de apenas uma dessas subculturas: a chamada *The Red Pill* (TRP), ou Teoria da Pílula Vermelha.

*The Red Pill* é uma subcultura que surge em referência ao filme *The Matrix* (1999), das diretoras Lilly e Lana Wachowski. A obra é uma distopia de ficção científica, onde o mundo foi dominado por inteligências artificiais, e os humanos vivem adormecidos em casulos, fornecendo energia para o funcionamento das máquinas. Para que não descubram isso, estes humanos são colocados em uma realidade simulada, a Matrix, que é o mundo como nós conhecemos. A trama conta a história de Thomas A. Anderson (Keanu Reeves) – um hacker noturno que trabalha com o nome de "Neo" –, contatado por Morpheus (Laurence Fishburne) e Trinity (Carrie-Anne Moss), dois agentes de um movimento de resistência contra a dominação tecnológica das máquinas sobre os humanos. Morpheus convoca Neo para uma

missão, oferecendo-lhe duas pílulas, sendo uma vermelha e uma azul. A pílula azul permitia que Neo continuasse vivendo a ilusão da *Matrix*; já a pílula vermelha revelaria a verdade sobre a simulação à qual os humanos haviam sido submetidos, ficando à mercê da dominação das máquinas.

Muito embora as irmãs Wachowski sejam duas mulheres trans, produtoras de diversas obras ligadas à temática LGBTQIAPN+ e com discussões sobre política – tais como *Ligadas pelo Desejo* (1996), *V de Vingança* (2005) e *Sense8* (2015) –, a metáfora da pílula vermelha foi apropriada por diversos movimentos conservadores e de extrema-direita, e o Masculinismo não apenas se apossou desta metáfora como criou uma subcultura para a proliferação de sua ideologia.

Assim, *The Red Pill* surge como uma comunidade on-line de homens, em sua maioria brancos, heterossexuais, cisgêneros e de classe média-alta, que se consideram vítimas das mulheres e do feminismo. O TRP surge como resposta à “revolta” das mulheres em relação à luta contra as formas de dominação masculina, onde “tomar a pílula vermelha” serve como alegoria para acordar à realidade de que as mulheres não estão cumprindo com seu “destino biológico” – reprodução sexual, afazeres domésticos etc. –, tendo alcançado seus direitos. Não se limitando apenas ao feminismo, esta comunidade se empenha em combater todas as formas de políticas identitárias e afirmativas, causas socialmente liberais e movimentos progressistas.

Os integrantes do TRP enxergam as mulheres como seres manipuladores e interesseiros que utilizam sua aparência física e suas habilidades sociais para controlar e explorar os homens. Eles acreditam que as mulheres são incapazes de amar e que só se interessam por homens que possam fornecer-lhes recursos financeiros, status social e proteção física.

Os discursos de ódio propagados pelos integrantes deste movimento aprisionam subjetividades e, além de desumanizar as mulheres, perpetua estereótipos prejudiciais de gênero. Isso porque há nessa ideologia o movimento de destrinchar analiticamente as dinâmicas relacionais que ocorrem nas diversas formas de interações entre os gêneros, sendo que outros marcadores serão essenciais para esta análise e classificação, como a raça, a sexualidade e a classe.

Dentro do movimento TRP os próprios homens são organizados em "classes", divididos em grupos e colocados em posição de superioridade ou inferioridade em relação ao outro. Cria-se uma hierarquia das masculinidades, na qual os lugares mais altos são dados àquelas que melhor subjagam as mulheres a posições de submissão. Desse modo, se

estabelecem padrões de comportamento ideais que são então almeçados por esses homens; aqueles que não conseguem alcançá-los são rebaixados, ridicularizados e utilizados como um exemplo de fracasso. Nesse sentido, os ideais patriarcais reforçados pelo TRP criam uma atmosfera de hostilidade e guerra não somente com esses homens em relação às mulheres, mas dos homens em relação a eles mesmos, revelando o caráter essencialmente tóxico dessa cultura. Isso se demonstra também no ódio dirigido a diversos grupos minoritários, expressando-se por meio de manifestações sexistas, xenofóbicas e LGBTQIAPN+fóbicas. É válido considerar que este movimento representa um risco à vida de muitos e deve ser analisado e julgado enquanto uma questão de segurança pública.

Para a realização da pesquisa, optou-se pelo método cartográfico, proposto por Deleuze e Guattari, utilizado em pesquisas de campo voltadas para o estudo da subjetividade (Kastrup, 2007; Kirst et al. 2003 como citado em Romagnoli, 2009). A cartografia foca na visualização de informações, usando técnicas de representação cartográfica para examinar o território existencial e as relações de poder. Este método baseia-se na implicação e criatividade do pesquisador, a partir de uma leitura esquizoanalítica da realidade, religando a pesquisa com a vida, inaugurando, pois, uma nova forma de produzir o conhecimento, que envolve a criação e o envolvimento do autor, desencadeando um processo de desterritorialização no campo da ciência: faz uma leitura inédita da realidade, não buscando apenas o aspecto qualitativo, mas propondo também romper com a divisão estabelecida pelos parâmetros tradicionais da cultura acadêmica entre sujeito e objeto (Kastrup, 2007; Kirst et al., 2003).

Nesse sentido, retira-se da reflexão sobre o método cartográfico de pesquisa a conclusão de que a postura do pesquisador frente ao seu objeto de estudo não é de neutralidade, nem isenta de interferências. Ademais, ainda nesta perspectiva, pode-se afirmar que a cartografia, tem como eixo de sustentação do trabalho metodológico o pressuposto de que o conhecimento é processual e inseparável do próprio movimento da vida e dos afetos que a acompanham (Rolnik, 1989).

Sendo assim, utilizaremos o método cartográfico para avaliar a subcultura do movimento masculinista, denominada *The Red Pill*, a partir de uma perspectiva do mapeamento dos atravessamentos e implicações que este dispositivo utiliza para se constituir, manter-se e como esta está influenciando e criando subjetividades e materialidade na sociedade, centrando-se na questão da saúde mental dos integrantes e alvos desse movimento. Para tal, analisaremos conteúdos de perfis específicos da *Red Pill*, selecionados por grau de

maior influência e interação, que se encontram nas principais plataformas de comunicação, como *Instagram*, *Twitter*, *TikTok* e *YouTube*.

## 2 RECORTE HISTÓRICO-POLÍTICO: REVISITAR O PASSADO PARA COMPREENDER O PRESENTE

*The Red Pill*, assim como outras subculturas do Masculinismo, possui uma forma específica de gerir os afetos tanto de seus integrantes quanto daqueles que se opõem a seus ideais. Os pressupostos tradicionalistas, conservadores e antiprogressistas deste movimento são fruto de um contexto histórico de surgimento e desenvolvimento, que são fundamentais para a compreensão da aderência em massa a este tipo de discurso. Diante disso, *The Red Pill* precisa ser compreendido a partir de três importantes elementos políticos, responsáveis pelo embasamento de seu discurso: o conservadorismo, o neoliberalismo e a extrema-direita, sendo que estes estão correlacionados.

### 2.1 Conservadorismo(s)

Classifica-se o Masculinismo e suas ramificações como um movimento conservador baseando-se em suas características de conservação de valores e normas às instituições sociais (Martins, 2022), especialmente, neste caso, a família e os papéis de gênero.

O conservadorismo é um importante instrumento para as classes dominantes, por defender a conservação daquilo que for funcional para que esta classe continue no poder (Borges, 2022). É possível afirmar que, devido a suas diversas ramificações e facetas, o conservadorismo se defina enquanto um pensamento ideológico heterogêneo. Apesar disso, existem algumas características comuns a diferentes correntes do pensamento conservador, tais quais “[...] a defesa das instituições, a defesa da propriedade privada e da família, da ordem e hierarquia, do tradicionalismo e o aspecto antirrevolucionário” (Martins, 2022, p. 14).

Esta ideologia tem suas origens nos pensamentos e elaborações de Edmund Burke, filósofo e político britânico considerado pai do conservadorismo clássico, que afirmava que a desigualdade faz parte da natureza das coisas, pois a natureza é hierárquica, de modo que a igualdade – política, social e econômica – é contranatural. Assim, as desigualdades eram justificadas por Burke a partir do paradigma biológico, da diferenciação corporal, química e evolutiva entre as classes (Martins, 2022). Esta apropriação de teorias evolucionistas também é realizada pela *The Red Pill* como forma de justificar a diferenciação entre gêneros, o que será desenvolvido nos próximos capítulos.

A partir de 1960, nos Estados Unidos, desenvolve-se uma linha dissidente do pensamento conservador, nomeada por teóricos como neoconservadorismo. Esta linha de pensamento faz parte daquilo que se denomina, nos EUA, como *alt-right*, ou “direita

alternativa”. Este movimento, no Brasil, embora influenciado pelo contexto latino-americano, tem uma roupagem muito parecida, e tem sido chamado pelos estudiosos da área como “Nova Direita”. Suas mais importantes características são a exaltação dos valores morais, da religião judaico-cristã e a defesa da família heteropatriarcal com clara divisão de papéis de gênero (Borges, 2022). A *alt-right* e a Nova Direita serão comentadas com mais atenção no próximo tópico deste capítulo.

A preservação destes valores não é arbitrária, estando relacionada diretamente com fatores econômicos. Historicamente, o neoconservadorismo indicou que o grande causador daquilo que seus precursores denominaram como “problemas morais” e “degeneração social” eram as transformações socioculturais e os programas de assistência social, que encarregaram ao Estado a responsabilidade por papéis que deveriam ser exercidos pela igreja, pela família e pela comunidade (Borges, 2022), tais como a saúde, a educação e outros aparatos sociais. Seguindo esta linha de pensamento, a destruição da família seria a principal fonte dos problemas socioeconômicos que surgiam naquele momento, devido à libertinagem, a uniões homossexuais, ao divórcio, dentre outros fatores.

A família, enquanto instituição, possui uma função primordial no desenvolvimento do capitalismo. O núcleo familiar heteropatriarcal, legitimado tanto pelo Estado quanto pela religião judaico-cristã, traz segurança a seus membros, por remover a responsabilidade estatal de subsidiar os cidadãos (Borges, 2022). Esta configuração de modelo familiar tradicional com divisão muito objetiva de papéis de gênero é responsável pelo desenvolvimento social: o homem, provedor do lar, protetor da família, atribuído da função de garantir que as necessidades de educação, saúde e moradia dos outros membros do núcleo familiar sejam atendidas; a mulher, exercendo a função materna e de cuidadora do lar, garante que os membros dessa família sejam acolhidos em suas necessidades de alimentação, segurança e higiene, exercendo um trabalho não remunerado que é visto como um pilar que estrutura a proteção social. Estas funções não são meramente econômicas, como também fazem parte da subjetivação psíquica de homens e mulheres dentro do modelo capitalista. Estas questões também serão abordadas nos próximos capítulos.

Aqueles que desviassem do cumprimento do papel que lhes fora designado era perseguido pela ideologia burguesa. Fugindo de ambientes familiares hostis e violentos, de situações de vulnerabilidade, ou mesmo por seguir seus próprios desejos e ambições, os indivíduos que eram assistidos por programas sociais estatais passaram a ser vistos como criminosos e destruidores de lares (Borges, 2022). As mais prejudicadas por esta forma de

visão eram lésbicas, mães divorciadas e/ou solteiras, e mulheres solteiras, principalmente se fossem pobres e negras.

Na prática, o conservadorismo se constitui enquanto uma ideologia que se expressa enquanto

[...] uma resistência às tendências de transformações socioculturais recentes, como a expansão de direitos individuais, secularização e cosmopolitismo. Mais concretamente, contrapõe-se ao crescimento do feminismo e da luta LGBT como força social, opondo-se às pautas como legalização do aborto, o casamento entre pessoas do mesmo sexo, a “ideologia de gênero”, e reafirmando valores da família tradicional, religiosa e patriota (Borges, 2022, p. 160).

## 2.2 Extrema-Direita e Fascismo à Brasileira

A história da extrema-direita no Brasil começa por volta da década de 1930, com o Movimento Integralista, que propunha uma interpretação do fascismo para o contexto sociopolítico brasileiro inspirado pelo fascismo europeu<sup>1</sup>, principalmente em sua vertente italiana, liderada por Benito Mussolini (Andrade, 2013). Seu principal representante foi Plínio Salgado, um jornalista e político fundador da Ação Integralista Brasileira (AIB), no ano de 1932, considerada uma das primeiras organizações político-partidárias do país. Diante do histórico de miscigenação racial do Brasil – fruto de um longo processo de colonização e escravização de grupos indígenas e africanos –, o integralismo não tinha a supremacia branca como ideal doutrinário, como forma de adesão das massas ao movimento, tendo em vista que a maior parte da população brasileira é composta por pessoas não brancas. Com base em um nacionalismo exagerado, os simpatizantes deste movimento acreditavam na fundação de uma “raça brasileira”, onde seriam aceitas pessoas de todas as etnias, desde que fossem completamente brasileiras, já que o arianismo não era possível no contexto do Brasil.

O Integralismo aderiu, além dos ideais nacionalistas, a outras características conservadoras, como o moralismo cristão, o combate ao comunismo e a defesa da propriedade privada, sendo que seu lema era “Deus, Pátria e Família”: Deus, enquanto governador de tudo e todos, representando a influência religiosa cristã; Pátria, tendo o Estado Integral e autoritário como máxima; e Família como início e fim de tudo, representando o tradicionalismo e a organização social (Andrade, 2013). Grande parte da aderência ao integralismo no decorrer da década de 1930 se deu por parte dos teuto-brasileiros, a saber, descendentes de alemães e

---

<sup>1</sup>Existia, na época de crescimento do Movimento Integralista, uma controvérsia sobre as inspirações de Plínio Salgado em relação à criação da AIB, sendo que alguns autores afirmavam que ele havia se inspirado no fascismo europeu, enquanto outros tentavam distanciar o Integralismo desta ideologia. Atualmente, considera-se que o Integralismo era, sim, um movimento de inspirações fascistas.

brasileiros, que ocupavam principalmente a região Sul do país, especialmente os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Após os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial e as revelações dos horrores do Holocausto, movimentos fascistas tornaram-se menos populares durante um curto período de tempo. Apesar disso, eles voltam a se popularizar por volta de 1947, momento relativo ao início da Guerra Fria, quando se criava, internacionalmente, um ambiente de medo e terror de uma possível “revolução comunista” (Andrade, 2013), o que podia ser visto nos campos de disputa política de diversos países, a exemplo dos conflitos armamentistas e da corrida espacial que acontecia entre os Estados Unidos e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Estes movimentos influenciam, direta e indiretamente, a política de todo o mundo. No Brasil, os anos que sucedem a Guerra Fria são marcados por grande disputa política entre grupos de esquerda e direita, principalmente no que diz respeito a questões econômicas, criando um clima de radicalização. É neste contexto que Jânio Quadros assume a presidência do país, em 1961, renunciando no mesmo ano. Assim, Ranieri Mazzili, presidente da Câmara dos Deputados, assume interinamente a presidência do Brasil, já que o vice-presidente, João Goulart, realizava uma visita oficial à China.

Em decorrência do histórico político orientado à esquerda de João Goulart, popularmente conhecido como Jango, organizações liberais e partidos políticos conservadores, apoiados pelos militares, tentaram impedir o retorno do vice-presidente ao Brasil, como forma de vetar seu direito de governar. Contudo,

[...] uma expressiva maioria congressista manifestou-se contra a arbitrária e ilegal exigência, defendendo a legalidade da posse de João Goulart em oposição ao veto dos militares. Em contrapartida, a direita conquistou a aprovação no Congresso da Emenda Constitucional nº. 4, um ensaio golpista dos ministros militares que culminou com a instauração do regime parlamentarista no Brasil (Souza et al., 2007, p. 2).

O regime parlamentarista segue em curso de setembro de 1961 a janeiro de 1963, seguido por três conselhos de ministros, presididos sucessivamente por Tancredo Neves, Brochado da Rocha e Hermes Lima. Em 1963, João Goulart assume a presidência, findando o período parlamentarista e dando retorno ao regime presidencial.

Durante os primeiros meses de 1964, Jango realizava tentativas de mobilização das massas para a realização das reformas de base, para encaminhar ao Congresso projetos radicais de propostas para as reformas agrária, universitária, constitucional, eleitoral e

bancária, o que, embora beneficiasse a população, tocava em pontos importantes de setores econômicos e classes mais altas, por seu teor comunizante e populista (Souza et al., 2007).

Em meio à polarização política, Jango participa do Comício de 13 de março de 1964, no Rio de Janeiro, considerado o estopim para a intervenção militar no governo.

No famoso comício, organizado pelo Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) e apoiado por Goulart, o presidente discursou sobre a necessidade de mudanças estruturais para o desenvolvimento e a diminuição das desigualdades socioeconômicas no país. O carro-chefe desse debate era o seu comprometimento com a realização de uma reforma agrária urgente, que tinha como primeiro passo o anúncio do decreto da Superintendência da Política da Reforma Agrária, a SUPRA, que possibilitava a desapropriação de terras às margens de rodovias e ferrovias federais” (Araújo et al., 2013, p. 15).

Alinhando-se a movimentos políticos de esquerda, este discurso gera reações diferentes dos diversos grupos políticos e organizações sociais do país – não apenas por parte dos militares –, fosse pela suposta “ameaça comunista”, fosse pelos interesses econômicos que perpassavam as decisões, movimentando diversos setores da sociedade civil, o que faz com que os historiadores classifiquem os acontecimentos de 1964 como um golpe cívico-militar (Araújo et al., 2013).

Um importante acontecimento desta época foi a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, organizada por líderes religiosos e pela comunidade católica que se opunha ao governo de Jango, por seu viés progressista, defendendo a tradição familiar e a propriedade privada. Este movimento aconteceu em diversos lugares do Brasil, em resposta ao comício de 13 de março. Seus participantes protestavam contra a agenda governamental em curso, devido – segundo eles – a seu viés comunista, subversivo e ateu (Guisolphi, 2009).

É válido ressaltar que as mulheres tiveram um papel de atuação política importante nas Marchas que aconteceram em todo o território nacional, sendo responsáveis pela criação de diferentes grupos de engajamento político, dentre os quais é possível citar a Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE), do Rio de Janeiro, a Liga da Mulher Democrata (LIMDE), de Belo Horizonte, e a União Cívica Feminina (UCF), de São Paulo (Costa et al., 2005). Todas essas organizações eram compostas por mulheres de classe-média, essencialmente esposas de empresários e militares, que trabalhavam convocando outras mulheres para se juntarem ao movimento (Costa et al., 2005), em prol da defesa de valores cristãos, supostamente ameaçados pelo governo reformista de Jango.

Essas observações são importantes pois o lugar da mulher na sociedade é sempre relegado à sombra da figura masculina, mesmo em participações políticas tão importantes e

significativas como durante o período ditatorial brasileiro. Mesmo com as construções da CAMDE, da LIMDE e da UCF, dentre outras tantas organizações femininas conservadoras, o papel das mulheres era sempre passivo, submisso à palavra final de um homem. Nem todo movimento organizado por mulheres é um movimento feminista – ao contrário disso, nesse caso, o feminismo era algo a ser enfrentado pelas mulheres integrantes destas organizações.

Ainda assim, a “ameaça comunista” do governo de João Goulart trazia consigo a possibilidade de destruição da família, dos valores cristãos e da moral, fatores muito importantes tanto para a sociedade conservadora como um todo quanto para a própria existência dessas mulheres, que eram, historicamente, “[...] identificadas como responsáveis pelo cuidado e bem-estar da família, pela reprodução dos valores morais da sociedade, isto é, como as principais reprodutoras dos valores patriarcais dominantes” (Costa et al., 2005, p. 137). A destruição deste lugar, ainda que não fosse real, era equivalente a destruir subjetivamente a função exercida por essas mulheres. Algo a ser combatido.

Este clima de enfrentamento ao progressismo só foi possível devido aos acontecimentos políticos anteriores, com o fortalecimento do conservadorismo no Brasil e no mundo, culminando no apoio de diversos setores civis à intervenção militar, sendo que alguns destes grupos não classificam a ditadura como um golpe, mas sim como uma revolução. Assim, no dia 3 de abril de 1964, institui-se o Regime Militar, período que se estendeu por 21 anos, tendo declinado apenas a partir do ano de 1985.

Neste contexto de grande movimentação política e social, com o engajamento de diversos grupos e movimentos de militância, em enfrentamento à censura e à repressão política em diversos setores – como a arte e a educação –, ganham espaço movimentos e grupos conservadores, diante do apoio ao militarismo. Surgem, na década de 1980, grupos compostos por homens que usavam a cabeça raspada e praticavam o fisiculturismo, o culto ao corpo masculino e à virilidade: os famosos *skinheads*.

Este grupo surgiu inspirando-se nos *skinheads* ingleses dos anos 1960, composto por homens proletários que passavam por um momento de crise política. O Brasil, nos anos 1980, passava por um período parecido com o da Inglaterra duas décadas antes, com o declínio do regime militar, o processo de redemocratização e a reabertura política (Voks, 2021). De acordo com Silva et al. (2014, p. 430), este movimento era, inicialmente, composto por “poucos princípios, como o culto ao físico, a prática da defesa pessoal e postura contrária à utilização de drogas”, mas rapidamente se radicalizou em conformidade aos ideais nacionalistas. O primeiro grupo famoso era chamado de Carecas do Subúrbio, organizado principalmente no estado de São Paulo. Diante do cenário de miscigenação da população

brasileira, a segregação racial não era colocada em prática; apesar disso, inspirados pelas ideias fascistas europeias, eram contra a imigração, praticando a discriminação contra nordestinos e judeus, além de serem um grupo conhecido pela homofobia.

Na região do grande ABC paulista, somando-se a uma parte da região Sul, surge um grupo *skinhead* ainda mais radicalizado, denominado Carecas do ABC. Eram homens com ideias parecidas aos Carecas do Subúrbio, mas que, influenciados pelo grande número de europeus – principalmente alemães – que ocupavam a região Sul do país, aderiam ao *White Power*<sup>2</sup> de forma aberta e combativa, tendo a segregação racial como uma de suas características mais conhecidas.

Ainda que os grupos *skinheads* não tenham ligação direta com os membros da *The Red Pill*, suas vertentes se enraízam em solos muito parecidos, principalmente por suas expressões masculinistas e racistas. Movimentos de radicalização política de extrema-direita tem sido cada vez mais comuns desde os anos 80, agindo como dispositivos socioculturais de enfrentamento àquilo que classificam enquanto politicamente correto – como a criação de políticas públicas afirmativas, o enfrentamento ao racismo e o cumprimento de direitos humanos –, culminando na eleição de representantes políticos que caminham na contramão destes avanços, favorecendo os setores mais altos da sociedade, podendo citar a eleição de Donald Trump (2017-2021), nos EUA, de Jair Bolsonaro (2018-2022), no Brasil e, mais recentemente, de Javier Milei (2023), na Argentina.

No contexto nacional, a chegada de Bolsonaro à função presidencial é resultante de uma série de processos sócio-políticos que antecederam o ano de 2018. Alguns dos mais importantes acontecimentos foram as chamadas jornadas de junho de 2013, que culminaram no *impeachment* de Dilma Rousseff, quando o vice-presidente Michel Temer assume o cargo. Foram diversas manifestações ao redor do país, em um momento crucial de crise política e econômica.

Dentre o mosaico de pautas que eclodiram no processo, algumas foram levantadas por grupos à esquerda e à direita do governo. Nessa diversidade, encontravam-se militantes autonomistas e dos movimentos estudantis, negras/os, sindicalistas e de pequenos partidos de esquerda até grupos antipartidos, pró-ditadura militar e prisão para os ditos ‘mensaleiros’, como o ex-presidente Lula (Borges, 2022, p. 154).

Embora as manifestações fossem compostas por grupos muito diversos, reivindicando interesses particulares, foi neste momento de crise que alguns grupos conservadores ganharam força, utilizando-se das redes sociais tanto para a mobilização de

---

<sup>2</sup>Termo utilizado para identificar grupos que aderem à supremacia racial branca caucasiana.

grandes manifestações quanto para difundir discursos à direita na representação da vida social (Borges, 2022). Destacaram-se grupos como o Vem Pra Rua Brasil, o Movimento Contra Corrupção, o Movimento Brasil Livre (MBL) e a empresa Brasil Paralelo.

Devido à implicação com a temática da presente pesquisa, focaremos nestes dois últimos movimentos. Tanto o MBL quanto a BP fazem parte daquilo que é conceituado por Débora Messenberg (2017) como a Nova Direita brasileira, identificada por três grandes campos semânticos centrais: princípios neoliberais, conservadorismo moral e antipetismo. Cepêda (2018) resume seis hipóteses para compreender o protagonismo da Nova Direita no país, sendo elas:

1. coerência com o cenário internacional, entendendo a nova direita enquanto um fenômeno mundial; 2. o distanciamento do momento epocal da ditadura, que oblitera e distorce a percepção clara sobre os riscos e vícios do autoritarismo implantado a partir de 1964 [...]; 3. as mudanças tecnológicas e funcionais da indústria cultural (que penso possibilitou a expansão rápida do padrão de guerra híbrida); 4. a criação de locus institucionalizados para produção e difusão do pensamento liberal ou de direita; 5. a emergência de governos de esquerda no país, incluindo seus sucessos e fracassos, capazes de geração de polarização; e 6. a crise do sistema partidário (e que podemos estender para a crise do padrão de representação democrática e o surgimento de manifestações demofóbicas e do ódio à democracia) (Cepêda, 2018, p. 52).

No que tange à consonância da Nova Direita com o cenário internacional, este movimento possui firmes laços com a *alt-right*, ou direita alternativa, que ganha seus primeiros contornos a partir de 2015, “alcançando a política econômica e o poder político formal em alguns países, inclusive no Estados Unidos (2016) e no Brasil (2018)” (Vilaça e d’Andréa, 2021, pp. 417-418). Parte das estratégias populistas de direita, a *alt-right* se constitui enquanto um movimento cultural potencializado pelas tecnologias e pelas mídias sociais, que reúne organizações, partidos e discursos advogando “por uma ‘cultura europeia e estadunidense’ e pela ‘civilização ocidental’” (Strick, 2020 como citado em Vilaça e d’Andréa, 2021, p. 418). Ainda segundo o autor, a *alt-right* é o centro cultural da Nova Direita, responsável pela propagação de seus ideais.

É relevante ressaltar, para a temática da presente pesquisa, que uma das principais expressões da *alt-right* é a *manosphere* a qual *The Red Pill* pertence. Esta questão será melhor desenvolvida posteriormente.

O MBL é um movimento social considerado parte da Nova Direita brasileira, que tem como principais representantes políticos são Kim Kataguirí (2018) e Arthur do Val (2018), respectivamente ocupando a liderança de deputados federal e estadual de São Paulo,

bem como o vereador Fernando Holiday (2016). É válido ressaltar que Arthur do Val, popularmente conhecido como “Mamãe Falei”, teve seu mandato de deputado cassado por quebra de decoro parlamentar após ofender mulheres refugiadas ucranianas, por meio de áudios onde insinuava que elas eram “fáceis por serem pobres”.

Sidney Tarrow (2009, como citado em Borges, 2022, p. 157) aponta como os contextos sociopolíticos atuam “ampliando ou constringendo as oportunidades de ação dos movimentos sociais [...]”. Neste sentido, o MBL surge entre os anos de 2013-2014 em um momento muito oportuno de ampliação dos movimentos conservadores no Brasil, dado o contexto de enfrentamento ao petismo. Ele se configura enquanto o movimento social brasileiro mais popular do *Facebook*, com – até o momento da presente pesquisa – 2,9 milhões de seguidores. Além disso, possui 736 mil seguidores no Instagram, 535 mil seguidores no *Twitter* e 1,3 milhões de inscritos no *YouTube*.

Já a Brasil Paralelo é uma empresa registrada com o CNPJ 25.446.930/0001-02, desde 2016, sob a razão social “LHT Higgs Produções Audiovisuais Ltda”, criada com o objetivo de “resgatar” supostos valores, ideias e sentimentos “varridos” de todos os brasileiros pelos partidos, movimentos e intelectuais de esquerda” (Santos, 2021, p. 60), informações que constam na página do *LinkedIn* da BP. A empresa foi criada por Filipe Valerim, Lucas Ferrugem e Henrique Viana, e ganhou espaço principalmente por meio de redes sociais e plataformas de vídeo, com destaque especial para o *Instagram* (2,8 milhões de seguidores) e o *YouTube* (3,59 milhões de inscritos).

Tanto o MBL quanto a BP se organizam enquanto canais de difusão do discurso conservador e de mobilização política (Borges, 2022), combatendo, dentre outras temáticas, aquilo que é popularmente conhecido como “agenda *woke*”. A palavra *woke*, oriunda do inglês e traduzida livremente como “desperto” ou “acordado”, é utilizada principalmente por grupos políticos e sociais para designar a consciência para temas comumente ligados ao progressismo, como a racialidade e o feminismo. Esta palavra se popularizou na *internet* principalmente entre grupos da direita conservadora, que se referem à agenda *woke* em tom pejorativo e combativo, jocosamente utilizando as palavras “lacração” ou “cancelamento” (Vilaça e d’Andréa, 2021) para se referir a ações classificadas enquanto politicamente corretas. A agenda *woke* também é extremamente citada e combatida pelos integrantes do TRP.

No vídeo “O que acho da *Red Pill*???”<sup>3</sup>, publicado pelo canal oficial do MBL no *YouTube* no dia 2 de março de 2023, Renan Santos, um dos membros do canal e do movimento, expressa sua opinião a respeito desta subcultura masculinista. Em determinado momento do vídeo, o comentarista concorda com o TRP ao dizer que “há no mundo moderno uma destruição e certa opressão à masculinidade” (MBL, 2023), exemplificando esta questão a partir da classificação do *manspreading*, ato considerado machista no qual os homens se sentam com as pernas abertas em espaços públicos. Em outro momento do vídeo, Renan também concorda com uma das crenças disseminadas pelo TRP de que, evolutivamente, as mulheres estão à procura de um homem mais forte que lhe garanta proteção e segurança.

[...] se a gente for entender certas leis da atração, há, obviamente, uma predileção das mulheres por homens fortes e homens em posição de destaque do que homens fracos, isso é natural. E na verdade nenhum homem [...] vai querer que uma irmã tua vá sair com um homem fraco, um homem que não tem condição de prover para ela (MBL, 2023).

Embora, ao final do vídeo, a conclusão de Renan seja de discordância em relação à ideia da hipergamia, concordando que este conceito animaliza as mulheres, e dizendo que os homens não podem ter as mulheres como inimigas, as opiniões do comentarista expressam a característica essencialmente machista tanto da TRP quanto do MBL enquanto movimentos ligados ao conservadorismo.

Outro vídeo emblemático a respeito da pauta feminista foi publicado, também no ano de 2023, no canal oficial do *YouTube* da Brasil Paralelo, com o título “O que não te contaram sobre o feminismo – Conversa Paralela com Thais Azevedo e Cris Corrêa”<sup>4</sup>, uma professora e uma pedagoga, respectivamente, que se apresentam enquanto mulheres cristãs e antifeministas. Este quadro fixo da BP é apresentado por Lara Brenner e Arthur Morisson, que começam o vídeo fazendo piadas jocosas a respeito da temática a ser tratada. Arthur veste uma camisa cinza com letras garrafais brancas: “LUGAR DE FALA”, diz a escrita; ele faz uma piada sobre estar se sentindo deslocado no programa, fazendo referência ao fato de ser o único homem presente na sala e à pauta tratada no episódio.

O vídeo se inicia com uma pergunta simples, mas complexa, direcionada à professora Thais Azevedo: o que é o feminismo? Ao que ela responde: “[...] o feminismo

---

<sup>3</sup>MBL – Movimento Brasil Livre. (2023, março 2). O QUE ACHO DA RED PILL ??? [Vídeo]. YouTube. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=9aZ86ooYIeE>. Acesso em 22 de novembro de 2023, 16h05min.

<sup>4</sup>Brasil Paralelo. (2023, outubro 31). O QUE NÃO TE CONTARAM SOBRE O FEMINISMO | Conversa Paralela com Thais Azevedo e Cris Corrêa. [Vídeo]. YouTube. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=9aZ86ooYIeE>. Acesso em 22 de novembro de 2023, 16h44min.

nada mais é do que um movimento social, político e econômico, pelo menos é assim que eu vejo, [...] que luta pela superioridade feminina em detrimento aos homens” (Brasil Paralelo, 2023).

Esta definição simplista contraria as definições dadas pelas mais diversas teóricas, estudiosas e militantes do movimento feminista, que o classificam não enquanto a superioridade feminina, e sim como a luta por igualdade e equidade de gênero. A definição que mais se adequa à ideia de superioridade – seja de homens ou mulheres – é a de sexismo, e não a de feminismo. O feminismo, neste sentido,

aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo (Pinto, 2010, p. 16).

Destaca-se, também, a famosa frase da filósofa Judith Butler (1990), uma das principais autoras da teoria *queer* e grande pesquisadora nas temáticas de gênero e sexualidade: “seja qual for a liberdade pela qual lutamos, deve ser uma liberdade baseada na igualdade”.

Estes dois vídeos são apenas uma parte ínfima dentro de um enorme escopo de vídeos, *podcasts*, cursos e documentários produzidos tanto pelo MBL quanto pela BP que expressam o teor antirrevolucionário e antiprogressista presente na política brasileira. A reemergência de movimentos antidemocráticos, permeados de discursos fascistas sob o véu da “liberdade de expressão”, contribui para a perpetuação do machismo, do racismo, da misoginia, da LGBTfobia (Martins, 2022). Necessita-se, portanto, que a movimentação e o combate a este tipo de discurso saiam da ordem da palavra e partam para a ordem da ação. Especialmente desde 2016, o Brasil tem se tornado terreno fértil para o fortalecimento de movimentos conservadores e de ideais fascistas, aos quais incluímos, na realização desta pesquisa, a disseminação de discursos masculinistas, como *The Red Pill*. Interessante pensar que, imediatamente após a eleição de 2018, a frase “fascistas não passarão” tornou-se jargão da esquerda brasileira. Sobre essa questão, Guattari (2016) já apontava:

Dever-se-ia, portanto, renunciar definitivamente a fórmulas demasiado simplistas do gênero: "O fascismo não passará". Ele não só já passou, como passa sem parar. Passa através da mais fina malha; ele está em constante evolução; parece vir de fora, mas encontra sua energia no coração do desejo de cada um de nós (Guattari, 2016, pp. 188-189).

### 3 SUBJETIVAÇÃO NO CIBERESPAÇO: HIPERCONNECTIVIDADE, CONTROLE E VIGILÂNCIA

Se alastrando freneticamente por entre as feridas do pós-guerra e as consequentes crises socioeconômicas advindas da ruptura do *Welfare State*<sup>5</sup>, os dispositivos tecnológicos se tornaram mecanismos de controle social potentes sobre a produção e os trabalhadores, reduzidos ao *status* de mercadoria aos pés do *Just in Time*<sup>6</sup>, com a subsequente e contínua precarização laboral, social e existencial dos sujeitos, sob os véus da utopia de emancipação da governamentalidade neoliberal (Filho, 2022). Em seu cerne habita um emaranhado de vias pelas quais circulam mercadorias e sujeitos atados ao empresariamento da vida articulada aos enunciados de gerência de si, de individualização e competição social a partir de ideais de desempenho e produtividade (Ambrósio, 2012; Mattioni et al., 2022), como representado por Leonardo Wollman, em seu Instagram *@sedutor.redpill*:

Se você tem menos de um milhão na conta, você não tem motivos para comemorar. Ao invés de encher a cara com teus amigos quebrados. [...] Use esse tempo extra para engolir a concorrência! Mãos à obra, a comemoração é apenas depois da vitória! [...] #homemdevalor [...] #motivacaobrutar (2023, agosto 11)<sup>7</sup>.

Essa dinâmica concorrencial (Foucault, 2008), que por vezes surge de forma cômica, promove e naturaliza as fatigantes condições socioeconômicas às quais somos sujeitados, valorados em termos de utilidade e constituídos em uma sociedade empresarial apegada à ilusão de liberdade, mantida sob uma cortina ardilosa arquitetada pelos dispositivos estatais (justiça, segurança, legislação) que garantem a modulação de corpos (Franco e Franco, 2016; Ambrósio, 2012). É neste cenário de (re)arranjos estruturais, que as tecnologias da informação e comunicação (TICs) consistem em elementos cruciais dentro da matriz mercadológica.

Imersos em uma sociedade (crise) informacional, navegamos por um universo caótico e onipresente que em seus nós nos mantém para além dos contornos materiais e imateriais, físicos e digitais, produzindo novos territórios e modos de existência: o ciberespaço<sup>8</sup>. Esta rede heterogênea e contínua, capaz de se reestruturar (i)mediatamente por meio dos viciosos *clicks* e programas tecnológicos, tece fluxos dispersos e diversos,

<sup>5</sup>Estado de Bem-Estar Social keynesiano (Filho, 2022).

<sup>6</sup>Modelo de produção toyotista, criado por volta da década de 70, destinado à retomada do capital a partir da acumulação flexível pautado na heterogeneização, automatização e complexificação do trabalho (Filho, 2022).

<sup>7</sup>Wollman, L. [*@sedutor.redpill*]. (2023, 11 de agosto). *Chegou o fim de semana! Se você tem menos de um milhão na conta, você não tem motivos para comemorar* [Publicação]. Instagram. Recuperado de <<https://www.instagram.com/p/CwGShT9NfWd/?igshid=MTJ2ejJkcXB1NW1iZQ==>>.

<sup>8</sup>Conceito advindo do romance de ficção científica *Neuromancer* (1984) de William Gibson, (re)designado por Pierre Lévy (1999, p. 92) como “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.”

constituindo um rizoma digital, segundo Albuquerque et al. (2018), que aponta para as bifurcações expostas pela hiperconectividade movida pela comunicação simultânea e instantânea.

O rizoma, termo apreendido por Deleuze e Guattari (1995) da botânica, é tido como metáfora para as redes descentralizadas “de intensidades diversas (biológicas, políticas, linguísticas, econômicas, estéticas, etc.) a indicarem movimentos que traçam um mapa de intensidades e afetos no compor de territórios existenciais” (Simonini, 2019, p. 79). Neste sentido, nos debruçamos sobre as tramas cibernéticas, em seus tráfegos frenéticos de dados, coletados e (re)armazenados por máquinas de aprendizado (*learning machine*) capazes de mensurar, analisar e construir personas, perfis e/ou caracteres latentes representados matematicamente para fins econômicos, sociais, entre outros. De modo geral,

Sob o gigantesco fluxo de rastros pessoais em plataformas participativas, apresenta-se processos como *dataveillance* (vigilância de dados), *data mining* (mineração de dados) e *profiling* (perfilagem), que monitoram e classificam os dados, construindo saberes que sustentam uma vigilância proativa sobre indivíduos e populações (Bruno, 2013, p. 127).

Configurados deste modo e alavancados durante o *e-commerce*, os sistemas de recomendação (SRs) emergem como tecnologias de filtragem de informações personalizadas, operantes de maneira ubíqua pelas plataformas sociodigitais, majoritariamente por uma abordagem colaborativa (de similaridade entre perfis), erguendo pontes entre itens e usuários, por via do rastreamento de comportamentos e do mecanismo popular de curtidas, os redirecionando mediante os seus interesses, de forma a antecipar as suas necessidades (Ferreira, 2023; Silveira, 2020). Conforme evidenciado por Morozov (2018):

As empresas de tecnologia, por sua vez, concebem formas inteligentes de nos fazer abdicar destes dados, ou, pelo menos, de compartilhá-los voluntariamente. Para as empresas, tais dados são essenciais para viabilizar modelos de negócio baseados na publicidade – com dados em mais quantidade e de melhor qualidade, elas conseguem gerar mais publicidade por usuário – ou para desenvolver formas avançadas de inteligência artificial centradas no princípio do ‘aprendizado profundo’; neste caso, é útil sobretudo a diversidade das entradas de dados – e a capacidade de arregimentar milhões de usuários para ensinar diferentes comportamentos à máquina (p. 165).

Estando à mercê dos aparatos tecnológicos tornamo-nos alvo de investimentos e competições acirradas entre corporações comerciais e de publicidade para nos manter exaustivamente atentos, distraídos e afetados pelas diversas redes digitalizadas (Morozov, 2018; Franco e Leão, 2016; Silveira, 2020) na forma de plataformas sociais, de notícias, música, lazer e entretenimento, saúde, etc., “[...] escavando a nossa psique tal como as

empresas de petróleo escavam o solo; e os dados seguem jorrando de nossos reservatórios emocionais” (Morozov, 2018, p. 166), compondo uma economia da atenção<sup>9</sup>, onde o capital humano<sup>10</sup> persiste como combustível, na mesma medida em que o extrativismo de dados (Morozov, 2018) emerge como seu motor basal.

Ao mesmo tempo em que permite (re)criar as formas de construção e aquisição de conhecimento e de relação do sujeito consigo, com os outros e a natureza, o ciberespaço, com os seus mecanismos extração e monitoramento de dados, sustenta modos arraigados de constituição da subjetividade, agora, com novos arranjos (Ramos, 2015).

Sustentada na (in)visibilidade, representada nas exposições virtuais constantes, atrelado ao discurso de securitização, pautada na proteção e manutenção da hegemonia social, por meio do extrativismo de dados e a averiguação dos considerados atos de risco (Ramos, 2015; Morozov, 2018; Lyon, 2018), a cultura de vigilância fecunda nos solos da sociedade de controle, onde segundo Deleuze (1992) as dinâmicas de poder são renovadas e dispersas pelo cotidiano dos sujeitos, se estendendo para além das práticas, técnicas e regimes normativos e hierárquicos da sociedade disciplinar<sup>11</sup>, construindo redes de controle difusas, mutáveis, descentralizadas e horizontais, acompanhadas de crises contínuas nos cárceres, hospitais, escolas, fábricas e famílias, articuladas às retóricas governamentais de reforma de tais instituições, já obsoletas, como forma de “ocupar as pessoas, até a instalação de novas forças que se anunciam” (p. 220). Um movimento que extrapola os muros dos meios de confinamento e das instituições panópticas<sup>12</sup>, constituindo um novo regime de vigilância onde a coerção e a figura do vigilante se tornam dispensáveis (Deleuze, 1992), uma vez que, por mediação dos dispositivos digitais, tornando-nos “[...] cúmplices, como jamais antes, em nossa própria vigilância” (Lyon, 2018, p. 154).

Os aparatos tecnológicos, acopláveis ou não ao corpo, investidos de programas de automonitoramento diversos, que variam desde localização e gestão do tempo à frequência cardíaca, qualidade do sono e ciclo menstrual, responsabilizam o próprio sujeito vigiado pela vigilância de si (e de outros), sob os extensos dados cujas empresas e instituições mantêm domínio (Lyon, 2018), ou seja, “agora as corporações assumem cada vez mais esse papel de

<sup>9</sup>Williams, J. (2018). *Stand out of our Light: Freedom and Resistance in the Attention Economy*. Cambridge: Cambridge University Press.

<sup>10</sup>“o ‘humano’ [...] adquire valor de mercado e se apresenta como forma de capital – entendido como uma soma de valores de troca que serve de base real a uma empresa capitalista” (Lopes-Ruiz, 2007, p. 18).

<sup>11</sup>Resumidamente, a sociedade disciplinar parte de meios de confinamentos e mecanismos punitivos, articulados à vigilância hierárquica para (in)visibilidade e gestão de corpos (Foucault, 1987).

<sup>12</sup>Termo trazido por Foucault (1987) para se referir ao “modelo de um projeto arquitetônico [...] que, como o próprio nome sugere, possibilitaria a visibilidade total dos enclausurados, sem que estes pudessem observar seu vigilante: essa impossibilidade daria ao enclausurado a sensação de vigilância permanente, ocasionando uma internalização da disciplina e automatizando-a” (Franco e Leão, 2016, p. 291).

induzir o controle e depois ‘minerar’ seus resultados” (Xavier, 2021, p. 60). Neste sentido, se espera que tais tecnologias ou ‘coisas’

se tornem participantes ativos nos processos empresariais, de informação e sociais, onde sejam capazes de interagir e comunicar entre si e com o ambiente, através da troca de dados e informações “sentidas” sobre o ambiente, ao mesmo tempo em que reage de forma autônoma aos eventos do “mundo real/físico” e o influencia por meio de processos que provoquem ações e criam serviços com ou sem intervenção humana direta (Vermesan et al., p. 6, 2011, tradução nossa).

Nesta complexidade da Internet das Coisas (IoT), se almeja cooperações comerciais e corporativas produtivas e maiores gestões do ciclo da vida (Vermesan et al., 2011), que nada mais, nada menos advém das táticas de biopoder<sup>13</sup>, o encontro entre extrativismo de dados e *learning machines* transparece a multilinearidade dos dispositivos de poder, em um imbricamento de estratégias disciplinares<sup>14</sup> e de controle.

As máquinas tecnológicas, mobilizadoras e condutoras de pensamentos, afetos e ações, constituem dispositivos de captura (de informações e atenção) de sujeitos, incitados por dispositivos algorítmicos, os modelando nos formatos e demandas do neoliberalismo (Xavier, 2021), construindo, segundo Guattari e Rolnik (2005), subjetividade capitalísticas,

indivíduos normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão – não sistemas de submissão visíveis e explícitos, como na etologia animal, ou como nas sociedades arcaicas ou pré-capitalistas, mas sistemas de submissão muito mais dissimulados (p. 22).

Enquanto rede complexa e mutável de elementos heterogêneos<sup>15</sup>, do dito e não dito<sup>16</sup>, os dispositivos consistem em estratégias que transitam pelas instâncias de poder e saber, que se entrecruzam (Foucault, 1996), neste sentido, vale citar,

As ciências do indivíduo e os saberes sobre a sexualidade, seus efeitos sobre a vida e a experiência que os indivíduos modernos fazem de si, do seu corpo, do seu desejo, de sua saúde e sua doença são, por exemplo, desde já efeitos de poder indissociáveis dos postulados, enunciados, teses e modelos científicos que lhes servem de base (Bruno, 2013, p. 21).

<sup>13</sup>“o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder.” (Foucault, 2008, p. 3).

<sup>14</sup>De acordo com Rodriguez e Quadrado (2021, p. 414), “A disciplina controla os corpos, e os tornam ‘dóceis’ para serem ‘úteis’. [...] As disciplinas não cuidam do corpo, mas sim, buscam trabalhá-lo pelo detalhe, controlam os movimentos, os gestos, os comportamentos, transformam o corpo para ser ativo.”

<sup>15</sup>“discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas.” (Foucault, 1996, p. 244).

<sup>16</sup>aquilo que “não se diz pela via de um enunciado linguístico, mas que se expressa e se afirma em técnicas, procedimentos, ordenações espaciais, arquiteturas etc.” (Bruno, 2013, p. 19).

Ecoando nos campos cibernéticos, novas relações de forças e tipos de saberes se constroem, incorporando as minuciosidades do cotidiano do sujeito a partir dos nós dos circuitos de controle e segurança e de prazer e entretenimento (Bruno, 2013). Nesse emaranhado, enunciados e práticas se entrelaçam, compondo regimes, sobretudo de verdades. Nesse emaranhado, enunciados e práticas se entrelaçam, compondo regimes, sobretudo de verdades.

Objeto de lutas ideológicas, sob domínio de determinados aparelhos políticos e econômicos (Foucault, 1990), a verdade se materializa na língua à medida em que somos permeados, nas tramas sociais e históricas, pelas relações de poder e saber. Não se trata, contudo, da veracidade em si dos discursos, mas dos jogos ou regras pelas quais se diz a verdade, pois

ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (Foucault, 1990, p. 112).

A partir das bifurcações do rizoma, da íntima conectividade entre poder e saber que incidem na semiótica dos enunciados, o ciberespaço, com seus artifícios tecnológicos, distantes de quaisquer posições ou formações neutras<sup>17</sup>, se torna terreno de disputas e embates, por onde se perpetuam ativismos digitais, notícias falsas (*fake news*), teorias da conspiração e discriminações algorítmicas, movidas por modelos dominantes articulados ao apagamento de identidades, práticas e culturas divergentes, culminando em reverberações sociais, políticas e afetivas.

A (re)produção de (des)informações, especialmente por robôs digitais (*bots*) em redes sociais (*Twitter, Facebook, Reddit*, etc.), acompanhadas de *clickbait*<sup>18</sup> e *copywriting*<sup>19</sup> (Bezerra et al., 2017; Orfila, 2018), capturam os usuários por meio de elementos linguísticos que promovem compreensão e adesão por apelo afetivo-emocional que, segundo Domingos (2022), constitui uma estratégia discursiva popular em movimentos negacionistas e/ou

<sup>17</sup>A objetividade e neutralidade das tecnologias, aquém de quaisquer corpos de intenções, não passa de uma fantasia arraigada no positivismo-cartesiano.

<sup>18</sup>Inseridos nos *pop-ups* de anúncios e propagandas, em *thumbnails*, nos títulos de notícias, na *timeline* das redes sociodigitais, o *clickbait* é o uso de imagem e/ou escrita persuasiva e sensacionalista como isca para atrair leitores e engajar o conteúdo (Orfila, 2018). Abrangendo semântica e figuras populares ou simbólicas, as estratégias se diversificam a depender do alvo.

<sup>19</sup>O *copywriting* pretende persuadir e reter o leitor ao conteúdo, com baixa taxa de cliques (Orfila, 2018).

reacionários, tais como bolsonarismo, antivacina, terraplanismo e a própria *The Red Pill* (TRP) que, interagindo entre si, partem do ceticismo seletivo, de pseudociências e teorias da conspiração para a disseminação de verdades “ocultas” e “irrefutáveis”.

Basta uma breve pesquisa na *web*, por exemplo, com as palavras-chaves *red pill* ou pílula vermelha para encontrar uma série de notícias e *thumbnails* do YouTube com menções ou participações de Thiago Schutz, famigerado ‘Calvo do Campari’, referência para TRP nacional, com recortes de *podcasts* ou manuais e instruções referentes à nova ‘filosofia’ dedicada aos homens. Desse contexto, sob autorização das principais plataformas de vídeo, *TikTok* e *Youtube*, emergem conteúdos vastos de inúmeros perfis e canais integrantes da machosfera permeados pela misoginia, oculta pelos termos *balzacas* (mulheres solteiras acima dos trinta anos de idade), *capivaras* (mulheres que não são virgens), *unicórnios* (mulheres virgens), *msols* (mães solas), *insols* (versão feminina de *incels*), *modernetes* (mulheres progressistas), *conservadias* (mulheres da direita envolvidas politicamente), *honradinhas* (mulheres que se sujeitam aos interesses masculinistas), de acordo com investigações de Aos Fatos<sup>20</sup> (2023, março 2).

As narrativas de ódio e violência (misóginas, gordofóbicas, LGBTQ+fóbicas, racistas e de etarismo) repercutem pelas redes transvestidas do teor humorístico dos *memes* e *shitposts*<sup>21</sup>, curiosamente propagados e licenciados por uma das mais populares plataformas de entretenimento e comunicação, o Instagram. Embora infrinjam as Diretrizes da Comunidade (conteúdo ilegal, violência explícita e discurso de ódio, bullying e abuso<sup>22</sup>), perfis como Filosofia do Homem (@*filosofiadohomem*), Caveira redpill (@*caveira.redpill*), redpill.do.favelado (@*redpill.do.favelado*), Pílula AntiOtário (@*antiotariomanual*) e Conduta de Honra (@*conduta\_de\_honra*) propagam conteúdos, majoritariamente grotescos, em prol da valorização e defesa dos homens perante as “leis misândricas”.

Ernane Assis (@*ernane*), sexólogo clínico, terapeuta integrativo e moderador do Filosofia do Homem e Instituto Fábrica de Homens (@*afabricadehomens*), evidencia tal movimento ao divulgar uma petição de revogação da Lei 14.188/21 de Violência Psicológica Contra a Mulher que, segundo ele, “Além de ferir vários Direitos constitucionais do homens, pode facilmente ser usada como uma ferramenta para falsas acusações nas mãos de mulheres

<sup>20</sup>Plataforma renomada de checagem de fatos (*facts checking*).

<sup>21</sup>Postagem de merda, na tradução literal.

<sup>22</sup>“não permitimos o apoio nem a apologia ao terrorismo, ao crime organizado ou a grupos de ódio no Instagram. [...] removemos ameaças concretas de violência, discurso de ódio e perseguição de pessoas físicas. Não permitimos ataques nem abusos com base em raça, etnia, nacionalidade, sexo, gênero, identidade de gênero, orientação sexual, religião, capacitismo ou doença.” (Instagram, 2018, abril 19).

mal intencionadas. [...] #leismisandricas [...] #ginocracia [...] #saiadamatrix” (2021, agosto 12)<sup>23</sup>.

Os rastros nos levam adiante, para além dos *posts*, em direção às articulações dos dispositivos algorítmicos, alcançando a discriminação e propagação de materiais racistas, sexistas e misóginos, que escancaram as fraquezas das políticas de proteção de dados e dos respectivos órgãos reguladores. Além dos diversos relatos e denúncias ao racismo, submetidos à abordagens punitivas diferenciais pertinentes aos Termos de Uso das redes sociais que privilegiam e sustentam a branquitude no ciberespaço, o mapeamento de danos e discriminações algorítmicas (microagressões) de Silva (2019) no campo da computação visual (*visual computing*), programas capazes de coletar e analisar dados visuais, como imagens e vídeos, revelaram informações de cunho racista, estereotipado e desumanizador, à favor de uma estética e padrão eurocêntrico, tal como o uso de efeitos de clareamento de pele em *selfies* de usuários de ascendência africana e indiana, a associação de jovens negros à tag “gorila” no Google Photos, invisibilização de sujeitos e famílias negras e representações hiperssexuais de mulheres negras e latinas. Relembrando-nos, segundo Postinguel (2023, p. 159), que acima de tudo, “são sistemas elaborados por humanos, seres suscetíveis ao erro, bem como as máquinas; afinal são programados por errantes.”

---

<sup>23</sup> Assis, E. [@filosofiadohomem]. (2013, 12 de agosto). *ASSINEM A PETIÇÃO para a revogação dessa lei absurda GUERREIROS!!!* [Publicação]. Instagram. Recuperado de <[https://www.instagram.com/p/CSd8Ox7L\\_ok/?igshid=MzY1NDJmNzMyNQ==](https://www.instagram.com/p/CSd8Ox7L_ok/?igshid=MzY1NDJmNzMyNQ==)>.

#### 4 NEOLIBERALISMO, DISPOSITIVOS DE GÊNERO E PRODUÇÃO DE VERDADE

*The Red Pill* reforça um lugar social da mulher e do homem, que tem uma função no sistema: manter um modelo de família que é associado a um modo de produção e de organização social, favorecendo uma determinada forma de transmissão dos bens.

À medida em que o dispositivo de gênero regula uma série de posições e modos de ser e desejar, ele demarca enquanto abjetos, reprováveis, aqueles que não se submetem à sua legislação social. Dentro do padrão do que é definido enquanto papel social do homem e da mulher na nossa sociedade, o não assentimento de um sujeito a essa condição de subjugação configura um motivo para que sofra punições disciplinares (de nível micro a macro-físico). Os discursos que sustentam essas práticas se apropriam de uma moral conservadora, da biologia, uma psicologia acrítica de tradição evolucionista, e de um discurso neoliberal sobre o trabalho.

Assim, muito embasada em publicações como “*Rational Male*”, de Rollo Tomassi, “*The Unplugged Alpha*” de Richard Cooper e “Homens Racionais: Despertando para a Realidade da *Red Pill*” de Manu Messias, a filosofia *Red Pill* apresenta uma forma de leitura dos fenômenos sociais e psíquicos humanos, além de um “manual de conduta” para aqueles que desejam ser bem-sucedidos nesse sistema, composto especialmente por prescrições sobre como se relacionar. Destacando que esta ideologia visa e alcança majoritariamente homens, sua “estratégia” não se restringe apenas à forma como se relacionam com as mulheres, mas a uma postura frente à sociedade. Para os adeptos desta visão de mundo, o homem de sucesso é aquele que possui um alto *status* social baseado em seu trabalho, conquistado a partir de seu esforço e dedicação próprios (teor meritocrático). Logo, possui muitos recursos financeiros e sociais que podem ser utilizados para conquistar as mulheres, que nessa perspectiva se interessam e se atraem justamente pelos bens materiais e pela posição de status de um homem em relação aos seus “competidores”. O homem “acordado” pode escolher, então, uma mulher que o agrade mais com base nos seus atributos físicos e de personalidade.

Em resumo, prega esse movimento que o homem conquista a mulher com a sua capacidade de demonstrar fatores como proteção, segurança, confiança, dentre outros, que em geral são proporcionados pelo seu poder aquisitivo. Ocupando essa posição de poder, esse homem se constitui de mais valor e estar nessa posição significa, logo, ser cobiçado por muitas mulheres, de modo que aquela mulher escolhida por ele deve, então, ser muito bem selecionada. Portanto, a escolha dessa parceira deve ser cuidadosa e se dá por meio de muitos

testes. Tem-se, ademais, nesse contexto, um modelo do que seria a “Mulher de Alto Valor” e o “Homem de Alto Valor” a partir dos valores da comunidade *Red Pill*. Com base no contato e experiência com um grande número de mulheres (algo que é incentivado pelos maiores representantes do TRP) é possível perceber quais atributos são mais desejáveis e compatíveis com os desse homem valioso para que assim ele possa escolher aquela que mais se aproxima do modelo ideal.

#### 4.1 O Homem *Red Pill* Eficaz Neoliberal

No blog *Diogenes Club*, página de publicação de textos de viés *Red Pill*, encontra-se um texto intitulado “Valor sexual de Mercado – Como você pode se tornar mais atraente aumentando seu valor?”, no qual se lê:

O valor sexual de mercado, também conhecido pela sigla VSM, é uma classificação individual de atratividade sexual. Um indicador do poder de atratividade de uma pessoa. Ele é a soma de algumas características, dentre física, realizações e comportamento, que fazem com que homens e mulheres se tornem mais atraentes na sociedade. Indivíduos com alto Valor Sexual de Mercado têm facilidade em se destacar na maioria das escalas sociais, tanto no âmbito profissional, quanto sexual (Ivan, 2022).

Se referindo adiante ao que caracteriza o alto VSM de um homem, diz o seguinte:

Vivemos em um mundo capitalista. Então, teoricamente, quanto mais capacidade de ganhar dinheiro você tem, maior a probabilidade de você realmente ser bom no que faz, independente da sua área de atuação. De jogador de futebol a um fazendeiro. “*Money is the king*”. Foque em ser bom em algo e ganhar dinheiro. Assim como nossos antepassados que eram ótimos caçadores, eram descritos como “homens de sucesso”, hoje, no mundo capitalista, a sua capacidade de gerar riqueza é o fator de maior interferência no seu Valor Sexual de Mercado (Ivan, 2022).

Guilherme Batilani, que se intitula professor de comunicação, linguagem corporal e comportamento humano, influente no ambiente dos *Red Pill*, diz no famoso *podcast* de mesmo teor ideológico “*RedCast*”:

Grana é uma parada que é energia também. Eu acredito cegamente que dinheiro não é só papel. O homem que ganha dinheiro se olha no espelho e se sente mais homem. O homem que ganha dinheiro ele arruma a linguagem corporal dele, ele fala mais imponente (RedCast [Oficial], 2023).

Com base nesses exemplos podemos perceber que os integrantes do TRP constroem seus sentidos sobre a masculinidade e o sucesso masculino frequentemente em torno do dinheiro. Isso remonta ao trabalho de Valeska Zanello (2018) sobre os dispositivos de gênero

que atuam sobre os sujeitos na nossa sociedade hoje, sendo aquele que atua sobre os homens chamado de Dispositivo da Eficácia:

Em suma, o dispositivo da eficácia, como masculinidade hegemônica no Brasil (dentre diferentes matrizes de masculinidade locais e subordinadas), nesse momento histórico, se erige identitariamente em duas virilidades fundamentais, pilares, que dão a prova de um “verdadeiro” homem: a laborativa e a sexual. Os valores aqui representados seriam, portanto, os de desempenho, produtividade, sucesso profissional/financeiro e atividade sexual, levados, muitas vezes, ao extremo. A experiência a se evitar é a da falha (falta de eficácia) ou da impotência (sexual e laborativa). (Zanello, 2018, p. 267).

Sobre essa questão, Matos (2001) acrescenta: “O homem teria sua função social de provedor viabilizada pelo trabalho, fonte básica de autorrealização, veículo de crescimento pessoal, sendo através do trabalho reconhecido como homem. Sem trabalho, o homem não poderia ser considerado como tal” (Matos, 2001, pp. 41-42). Tendo isto em mente, analisemos Thiago Schutz, que se apresenta, em seu site, como “escritor, palestrante e apresentador”, é líder do perfil do Instagram com centenas de milhares de seguidores “Manual *Red Pill* Brasil”, e pode ser considerado um dos maiores representantes deste movimento no país. Ele, que é um ícone na machosfera, em uma participação no *podcast* “Sem Groselha *Podcast*”, diz o seguinte:

Eu faço muito paralelo assim ó: trabalho com relacionamento. Porque fica muito fácil *pros caras* entenderem, entendeu? Eu tenho um *brother* assim que, mano, perdeu o negócio porque o *cara*, tipo, literalmente negligenciou o negócio dele na mão de todo mundo; ele não olhou pro negócio e todo mundo roubou o *cara*, tá ligado? E não foi tipo assim... não é um *brother* só não, cara. O *cara* tipo ‘Ah! Beleza! Eu confio [-]’, tá ligado? E eu vejo assim caras que são muito bem-sucedidos que, velho, o *cara* todo dia 7 horas tá na empresa, todo dia tá *trampando*. Não é um *cara* controlador, mas assim, ele tá de olho em tudo que tá pegando [...]. É o teu negócio, tá ligado? E eu acho que assim, com mulher, com relacionamento, é a mesma *fita*, entendeu?” (Sem Groselha *Podcast*, 2023).

Conforme nos diz Oliveira (2022), o capitalismo é tido enquanto conduta de vida, sendo vivenciado pelas pessoas na condução do seu cotidiano. Com facilidade constata-se, pois, que o discurso *Red Pill* é fortemente marcado pelo discurso neoliberal, o que se demonstra no uso generalizado para diversos contextos que os seus adeptos fazem dos termos do mundo do trabalho. Há uma indissociação entre o que é o empreendimento de um homem e sua relação, por exemplo. Falam de uma competição, que acontece em um mercado, regido pela lei da oferta e da procura no qual se estabelecem contratos, por meio de moedas de troca. Isso aparece em falas como: “O relacionamento para o homem é um trabalho, e para a mulher

é um estilo de vida” (Papo Milgrau, 2023). Ou mesmo: “A mulher inteligente enxerga o homem como um investimento [...] Ela investe no cara na baixa sabendo que ele vai subir de valor lá em cima” (Pink & Pill [Oficial], 2022). Sendo o mercado sexual regido pela lei da oferta e da procura, neste mercado: “A moeda da mulher é o sexo, e qual é a moeda do homem? A da mulher é fácil, e a do homem? É relacionamento de longo prazo.” (Papo Milgrau, 2022).

#### 4.2 A Mulher aos Olhos da *The Red Pill*

O que a mulher, segundo o TRP, deve oferecer de volta a esse homem potente que a provê é, dentre muitas outras coisas, o seu corpo, pois o valor da mulher nesse contexto é condicionado essencialmente pela sua sexualidade, pela sua beleza. O homem que “possui” uma mulher bela, uma mulher de alto valor, com VSM alto, tem um bem a mais, que lhe confere melhor status na hierarquia social. Isso ocorre porque “quanto mais ‘difícil’ ou disputada (cobiçada) a mulher na prateleira do amor, maior o coroamento viril do homem que a ‘conseguiu’. Trata-se de ‘troféus exibidos aos demais e que têm por função polir a imagem de virilidade” (Nolasco, 1995a, p.69 apud Zanello, 2018, p. 256).

Para Zanello (2018), as mulheres em nossa cultura se subjetivam pelo que denominou “dispositivo amoroso” no qual o amor (ser escolhida por um homem) se apresenta como um fator identitário para elas. A metáfora criada para ilustrar isso é a da “prateleira do amor”, na qual as mulheres são avaliadas, em função de sua beleza e de seu comportamento/performances, pelos homens. A experiência de feminilidade se constitui, portanto, não pelo protagonismo de escolher, mas na posição de ser escolhida.

Os *redpilleds* confirmam as formulações teóricas acerca da “prateleira do amor” na medida que, em “O Livro das *Red Flags*”, Thiago Schutz afirma que: “A decisão é sempre do homem, se deseja trazer ela pra sua vida ou se prefere mantê-la apenas como um prato (ou um encontro casual, para simplificar)” (Schutz, 2023, p. 24).

Em outra participação a um *podcast* de teor *Red Pill*, o mesmo faz diversas falas que traduzem a expectativa desses homens sobre o comportamento das mulheres: “Um dos problemas da infelicidade feminina é porque a mulher não quer servir, *cara*, a mulher só quer ser servida” (Schutz, RedCast [Oficial], 2022). Ainda nesta mesma entrevista, afirma:

No passado... Eu não vou falar... Eu não vivi na década de sessenta, *tá*? Só que os relacionamentos, tipo, duravam. As mulheres eram mais felizes? Não sei, *cara*. Talvez realmente tinham muitos casos de machismo, de abuso... Só que a mulher ela tinha um papel de servir a sociedade, servir o marido, servir os filhos. A mulherada hoje, *mano*, não quer servir ninguém, só quer ser servida (RedCast [Oficial], 2022).

Ele diz ainda: “Então a questão do valor para mim, Junior, pega muito nessa questão assim: o quão disposta a mulher está em servir” (RedCast [Oficial], 2022).

Entende-se, logo, que enquanto cabe ao homem de alto valor prover, proteger física, financeira e emocionalmente, a mulher ideal aos olhos do *Red Pill* é aquela que se propõe a servir seu companheiro, dentro da sua posição feminina. Serviço esse que se dá na forma de cozinhar, fazer massagem, escutar, satisfazer sexualmente etc. (RedCast [Oficial], 2022). Essa mulher é aquela que cumpre a sua parte no contrato sexual matrimonial. Pateman (1993), ademais, nos diz que os contratos sexuais matrimoniais são uma espécie de continuidade dos contratos sociais de trabalho, isto é, “Os capitalistas podem explorar os trabalhadores e os maridos podem explorar as esposas porque trabalhadores e esposas constituem-se em subordinados através dos contratos de trabalho e de casamento” (Pateman, 1993, p. 24).

A mulher ideal para o TRP, por conseguinte, se mede não só pelo que oferece positivamente, mas também é medida pela negatividade - tudo o que não deve ser. Para isso, existe uma série de características às quais se deve estar atento, que se expressam, por exemplo, pelo “Livro das Red Flags” de Thiago Schutz, que foi composto a partir dos posts do seu Instagram. Dentre essas red flags, ou “bandeiras vermelhas”, de mulheres estariam, dentre muitas outras: ter traído o namorado ou marido; ser mãe solteira; ser feminista; ter tido muitos parceiros sexuais; usar remédios controlados; manter homens do passado por perto; ter um desejo sexual diferente do homem; ter muitas tatuagens ou piercings; etc. (Schutz, 2023).

Um dos sinais aos quais o homem “desperto” deve estar sempre atento é às tentativas sutis que a mulher faz de tentar tomar o controle da relação para si. E essas espécies de “testes” que as mulheres fazem com os homens aconteceriam, segundo esse pensamento, nas mais aparentemente insignificantes atitudes do dia a dia. Em micro comportamentos nos quais a mulher tenta constantemente controlar o homem e quebrar sua imagem de poder, tentam mandar inconscientemente. Elas tentam mudar o homem.

Thiago Schutz recebeu grande destaque na Internet após uma fala em um programa de podcast no qual dá um exemplo considerado por muitos como no mínimo exagerado:

Eu tomando o meu *Campari* e a *mina* tomando uma *breja*. “Ah! Mas se eu pegar uma *breja* pra você, você toma comigo?” Eu falei “Ah! *Mano!* Não vou tomar agora, estou tomando *Campari*”. “*Pô!* Mas você não toma comigo?”. Eu falei “*Mano,* eu não tomo, entendeu?”. Então, assim, a mulher tem muito essa coisa de tentar moldar o *cara*, tentar colocar o *cara* debaixo dela. Mas, *cara*, não é na maldade, entendeu? É tipo assim. É como se fosse um teste realmente, né? Tipo assim, deixa eu ver o quanto esse *cara* segura a opinião dele (Schutz, Buteco *Podcast* [RESERVA], 2023).

Nesse ínterim, as mulheres que reivindicam uma forma de relacionamento em que não se sustente a dominação do homem sobre a mulher são encaradas como um perigo. Na descrição de um desses sinais de alerta do Livro das *Red Flags* é dito o que se segue: “Na minha visão, uma mulher que cresceu sem o pai presente ou o pai era presente porém um banana, é MAIS PERIGOSA que uma mulher feminista” (Schutz, 2023, p. 12). Aí se demonstra a visão de perigo que o feminismo causa nesses sujeitos.

Isso se verifica também, por exemplo, neste mesmo livro, na quinta *red flag*, que diz das mulheres feministas: “O feminismo hoje é pra mim uma doença que não tem por objetivo tornar as mulheres melhores, pelo contrário. O feminismo ensina as mulheres a não respeitarem e até odiarem os homens” (Schutz, 2023, p.17).

Vale lembrar que o valor da mulher para os membros da comunidade TRP também se mede pela idade, de modo que quanto mais jovem, maior seu valor, que vai abaixando conforme envelhece. O valor de uma mulher, então, se mede pela sua beleza física (dentro de um padrão específico) e pela sua capacidade reprodutiva. Assim, quanto mais jovem, mais dentro do padrão de beleza e mais fértil o corpo da mulher se encontra, maior seu VSM. Nesse sentido, de acordo com a visão *Red Pill*, a mulher “corre contra o tempo” para poder encontrar um homem com quem possa ter uma relação estável, antes que envelheça e não seja mais atrativa, além de estar em constante competição com as mulheres mais jovens.

E você, mulher com trinta e cinco, com quarenta! Você está competindo com essas meninas mais novas que estão chegando. Mano, todo dia uma menina faz dezoito anos, isso é fato! Todo dia uma menina faz dezoito anos. Você com trinta e cinco, quarenta, você está competindo com essas meninas no mercado (Schutz, Sem Groselha Podcast, 2023).

Portanto, além de serem concebidas como desesperadas para encontrar um homem o mais rápido possível, as mulheres também são encaradas como seres extremamente emocionais. Estas seriam movidas pela emoção, gostando especialmente da proteção que o dinheiro dá e da emoção que o dinheiro gera. A mulher seria uma montanha-russa, viciada em sentir emoções, até as ruins. O homem na relação teria, logo, que ser o catalisador das emoções da mulher, fazendo-as girar em torno dele. Assim sendo, ela só não poderia sentir tédio com um homem, pois, se isso acontecesse, ela perderia o interesse por esse homem e dirigiria sua atenção e interesse para outro (Neurotônico, 2022).

Entende-se, assim, que mesmo tendo sido encontrada essa parceira potencial, é necessário sempre cautela ao lidar com ela, pois, assim como todas as mulheres, ela pode fugir ao menor sinal de fragilidade desse homem - e ir para um homem que seja mais forte,

potente, provedor do que o atual parceiro. Este, então, precisa fazer uma manutenção constante da sua virilidade para essa mulher, pois o que faz com que uma mulher fique com um homem, para os *redpillers*, é a capacidade deste de oferecer segurança, especialmente de ordem física e financeira.

Esse sentimento de desconfiança generalizada do homem *Red Pill* em relação às mulheres é bem ilustrado por uma fala que teve alta repercussão proferida por Thiago Schutz. Ele diz em um programa de *podcast*: “toda mulher é uma vagabunda até que se prove o contrário”. E o contrário só é provado quando o homem, teoricamente, tem segurança da fidelidade e das intenções desta, apesar de nunca poder ter total certeza e precisar viver sempre na dúvida, desconfiado. Afinal as mulheres, segundo a lógica do movimento, estão constantemente em busca da hipergamia, ou seja, o casamento com alguém de condição social e econômica mais elevadas em comparação com a delas, como exposto por RedCast [Oficial] (2022), “A hipergamia é um padrão encontrado de a mulher sempre buscar um homem que seja acima dela financeiramente, socialmente ou talvez, também, fisicamente.”

A mulher que deseja se diferenciar das demais na prateleira do amor, nesse caso se destaca pelo seu comprometimento e sua adequação às métricas propostas para um relacionamento com um sujeito *Red Pill*; em especial, se destaca pela sua fidelidade, que constitui um dos temas de maior preocupação desses homens. Existe, pois, uma vasta gama de sinais que indicam possível traição das mulheres aos quais eles devem permanecer sempre atentos. Dentre eles, pode-se citar: a mulher ter contas abertas nas redes sociais; ela não permitir que o homem acesse livremente o celular dela; levar o celular consigo aonde for; ter contato com amigas solteiras; possuir curtidas de outros homens nas fotos nas redes sociais; usar roupas que o homem considera muito sensuais; dentre outros comportamentos (Thiago Schutz, Sem Groselha Podcast, 2023).

Curiosamente, no Livro das *Red Flags* (2023), a quarta delas é: “Ela é mãe solteira”; e dentre as desvantagens citadas para explicar porque esse é um problema podemos ler:

1. Você vai ter responsabilidade emocional e financeira por um filho que não carrega seu DNA; [...] 5. Há grandes chances dela não querer mais ter filhos, principalmente com você. Resumindo, você estará com uma mulher que não fará questão nenhuma de propagar seus genes e até seu sobrenome no futuro (Schutz, 2023, p.15).

Evidencia-se, dessa forma, que a preocupação e desconfiança em relação à “honestidade” e fidelidade conjugal da parceira também dizem da cautela em função do controle sobre quem terá acesso à sua fortuna após a morte – quem herdará e gerará a descendência de herdeiros que continuarão tocando o negócio. Quanto a isso, não podemos

deixar de citar a famosa obra de Engels (2021) “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”, na qual elucida sobre as origens da monogamia e da preocupação com a fidelidade feminina:

A monogamia nasceu da concentração de grandes riquezas nas mesmas mãos – as de um homem – e do desejo de transmitir essas riquezas, por herança, aos filhos desse homem, excluídos os filhos de qualquer outro. Para isso, era necessária a monogamia da mulher, mas não a do homem (Engels, 2021, p. 91)

Nota-se, pois, que o ideal *Red Pill* favorece a manutenção de um certo sistema de relação com os bens materiais; propõe-se a conservar um certo padrão de funcionamento da sociedade.

### 4.3 A Família Ideológica

É interessante, assim sendo, destacar a proximidade entre o discurso tradicionalista sobre família e as formulações *Red Pill*: o ideal de família para este movimento é em sua base conservador e reproduz padrões de comportamento tradicionalistas. Mesmo que isso se dê de forma velada ou inconsciente, não deixa de ser fortemente atravessado por ideologia.

Cabe aqui lembrar que o TRP, com toda a sua imagética associada ao “despertar” para a realidade, sair da ilusão, ter acesso ao conhecimento real sobre como o sistema funciona, se propõe, nesse sentido, a ser uma forma de fuga, limpeza, da visão ideológica do mundo. Contudo, considerando o conceito de ideologia, segundo Piketty (2020), como sendo um conjunto de ideias e discursos *a priori* plausíveis, que visam descrever a maneira como a sociedade deveria/deve se estruturar, verificamos que o TRP se mostra profundamente ideológico na medida em que dita como as relações entre homens e mulheres não só devem ser, mas como foram feitas para acontecer.

Um ponto muito utilizado pelos *redpilleds* em sua argumentação é a formulação sobre as energias masculina e feminina. Segundo essa lógica, homens e mulheres possuem certos comportamentos associados a essas “energias”, e as relações funcionam de forma ótima quando existe um equilíbrio entre esses “polos”. Assim, um casal vive melhor quando a mulher está mais em contato com sua energia feminina, se comportando de forma mais passiva, não exercendo atividades supostamente masculinas e vice-versa (Wendell Carvalho, 2023). Quanto a isso, Wendell Carvalho, que se intitula “mentor, coach e treinador”, é um dos maiores porta-vozes dessa ideia no Brasil e diz em um de seus vídeos de seu canal do *YouTube* que possui milhões de pessoas inscritas:

Existe um apagão na sociedade e esse apagão é um apagão do masculino. Aí eu tenho cada vez mais homens com pouca energia, energia de resolução, essa virilidade, de resolver as coisas, de prover. E se essa energia não existe em casa alguém vai ter que botar essa energia lá, sim ou não? Essa é uma questão sistêmica. Se não tem uma energia masculina em casa alguém vai ter que ser o masculino. Se você não é essa energia masculina alguém vai ser, e vai ser ela. E aí temos que configuração? Mulheres cada vez mais masculinas, fortes, determinadas, empoderadas, seja lá o que for... Enérgicas. Porque não existe um homem dentro de casa com essa energia. Existia lá nos anos mil e oitocentos. Acabou. Não existe mais. E esses homens precisam voltar a assumir esse papel (Wendell Carvalho, 2023)

Também dentro dessa perspectiva, Thiago Schutz declara:

*Cara*, é muito claro, entendeu? Se você está no seu polo masculino, sendo homem, [-], e a tua mulher te enxerga nisso, te admira nisso e tá contigo nisso eu não vejo dando errado! Eu só vejo dando errado no outro sentido, entendeu? É a mulher, tipo, mega masculinizada, o *cara* mega, tipo, fraco, *tá* ligado? E não sustenta, *mano*. Entendeu? Tipo assim, vira uma parada, tipo, mega fragilizada (Papo Sem Groselha, 2023).

Nesse viés, configura-se o que seria uma suposta forma ideal do funcionamento de um casal. Há aí, então, um parâmetro para avaliar como se pareceriam as relações harmoniosas de uma família. Assim sendo, Simon (2014) nos diz do familiarismo em política, no qual a família serviria, dentro da “fantasia social”, para a naturalização das relações hierárquicas de autoridade e submissão, que se explicariam pela devoção e amor. Existiria, portanto, uma sobreposição das relações econômicas sociais complexas à lógica elementar da família, que produziria a docilidade em relação à autoridade, além da perpetuação de um sentimento de dependência e da visão da sujeição de gênero como natural (Simon, 2014).

A partir do estabelecimento e naturalização de um padrão específico de família, são também produzidas ilusões de naturalidade acerca dos modos de circulação e produção das riquezas (Simon, 2014), pois “a família é produto do sistema social e refletirá o estado de cultura desse sistema.” (Morgan, 1877 como citado em Engels, 2021, p.101). Desta maneira, a afirmação de que o modelo de relacionamento que o TRP se propõe a instituir é ideológico se embasa na definição de ideologia como “[...] conjunto de concepções, ideias, representações, teorias, que se orientam para a estabilização, ou legitimação, ou reprodução, da ordem estabelecida” (Löwy, 2015, p. 20).

#### 4. 4 A Ciência Evolucionista Acrítica

Da mesma maneira como a ideologia *Red Pill* se apropria e é dialeticamente apropriada pelo discurso neoliberal, o mesmo acontece com certas tradições científicas da

biologia e da psicologia. Existe uma tendência nas ciências sociais e psicológicas, com destaque para a sociobiologia, a explicar e atribuir maior causalidade dos fenômenos sociais e psíquicos humanos – dentre eles as diferenças de gênero – ao funcionamento biológico de forma reducionista. Por essa maneira de compreensão, homens e mulheres se comportam de certa forma na atualidade devido à forma como seus organismos evoluíram para se adaptar às condições ambientais ao longo de milhões de anos.

Muitas dessas teorias, de teor determinista biológico, tratam o corpo como uma espécie de “máquina” que produz diferenças de gênero (Connell, 2009), de modo que práticas como o estupro ou os maiores índices de criminalidade entre os homens são encarados como resultado das diferenças fisiológicas entre os sexos, defendendo que os homens são mais agressivos e possuem maior desejo sexual em decorrência da produção de testosterona, por exemplo. Mesmo desigualdades complexas, como o acesso dificultado das mulheres ao mercado de trabalho, são explicadas pela suposta falta de competitividade inata às mulheres ou outras características que digam respeito à pretensa “essência” da mulher e do homem” (Senkevics, Polidoro, 2012, p.19).

Desenvolvendo o quadro das teorias sociobiológicas do investimento parental e da seleção sexual, uma das hipóteses consideradas é de que a escolha seletiva de um parceiro, exercida continuamente por parte das mulheres ao longo de centenas de milhares de anos de evolução, desembocou numa preferência feminina por homens que apresentem características de maior valor adaptativo para elas e para os seus filhos (Buss, 1999 apud Ramos, Lencastre, 2013, p.49).

Vagner Jesus, intitulado, dentre outras coisas, como autor, palestrante e mentor, famoso na cultura TRP pelas suas falas sobre Valor Sexual de Mercado, atesta em uma entrevista em um *podcast*:

Toda mulher quer duas características no mesmo homem. Se não existirem as duas características no mesmo homem, meu amigo, você tá ferrado! Porque elas querem um *cara* para procriar, mesmo que ela não queira ter filhos, porque o DNA dela tá impelindo ela a isso; e elas querem um *cara* para protegê-la. Protegê-la tem a ver com recursos, com a capacidade financeira, por exemplo, de passar por uma crise e você continuar comendo e bebendo bem (Pink & Pill [Oficial], 2022).

Essas teorias são apropriadas pelo TRP para “justificar” que certos lugares sociais (a organização da sociedade) são atribuídos aos homens e às mulheres porque é a forma como eles foram “feitos” pela natureza ao longo de milhares de anos para funcionar e, por isso, essa ordem deve ser respeitada (Rohden, 2003).

Tais concepções justificadas por enunciados sobre a evolução humana são inspiradas em uma aplicação acrítica do conceito de seleção natural de Darwin nas narrativas sobre o corpo e as relações de gênero tendem ao reducionismo (Senkevics, Polidoro, 2012). Ficam de fora dessas interpretações fatores determinantes mais amplos, como os efeitos da cultura na constituição da identidade desses homens e a forma como são educados. Há, logo, por meio da naturalização dessas explicações reducionistas, uma naturalização do sexismo e fortalecimento dos papéis de gênero.

Concentradas em campos como a sociobiologia e a psicologia evolutiva, essas explicações encontram eco no senso comum, especialmente na chamada “psicologia *pop*”, que, com fins exclusivamente comerciais, versa sobre as “diferenças” entre mulheres e homens e seus efeitos em questões do cotidiano, como o cuidado dos filhos, o adultério e a sexualidade (Connel, 2005 apud Senkevics, Polidoro, 2012), o que é facilmente percebido no trecho de um texto que fala sobre Valor Sexual de Mercado em uma plataforma de conteúdo *Red Pill*, que diz:

Diferente dos homens, mulheres são hipergâmicas. Elas buscam sempre o melhor parceiro que seu “charme” conseguir atrair. Fêmeas, uma vez que estão fecundadas, elas ficam fora do mercado. Elas precisam dedicar e esperar por sua cria. No caso das mulheres, normalmente, elas esperam 9 meses para ter seus filhos. Isso, as faz serem mais seletivas na hora do escolher seus parceiros, pois se ela –instintivamente– escolher o parceiro errado, ela sabe que sua cria não será a melhor possível. Elas sempre buscam os machos no mais alto nível da pirâmide sociológica que ela está presente. Em animais que vivem em grupos, como os leões, as leas só engravidam do Rei – do leão predominante (Raphael Ivan, Diogenes Club, 2022).

No vídeo do *YouTube* de um dos adeptos dessa visão, com o título “COMO AUMENTAR SUA ENERGIA MASCULINA [e deixar de ser afeminado] ep.384”, é possível constatar o tipo de leitura que esses homens fazem de eventos banais associados a supostas causas genéticas do comportamento masculino e feminino. Nesse vídeo é dito: “Tu vai dormir, e deu um estalinho na casa, ou no teu apartamento. Automaticamente tu já está alerta. O homem está programado para proteger a mulher e o filho” (Copini, 2022). Em outro momento no mesmo vídeo, é dito:

Pensa no órgão do homem para a reprodução. Ele é um órgão para fora. Ele se projeta para fora, ele fica rígido. E pensa no da mulher. Ele é para dentro. É projetado para dentro. Projetado para receber. E não fica rígido. Fica húmido, fica macio, receptivo. Pensa no que o homem faz quando ele quer satisfazer-se, quando ele quer ir atrás de uma mulher: ele corre atrás de mulher. E a mulher tem homens correndo atrás. O homem se qualifica para a mulher. A mulher seleciona o melhor homem para ela, disponível para ela. Pensa em como funciona o processo de reprodução dos seres

humanos. Os espermatozoides saem do corpo masculino e entram no corpo feminino, vão até o óvulo e assim acontece a vida, o fenômeno da vida. Ou seja, sempre sai do masculino e vai até o feminino. O homem sempre vai, ele sempre é ativo. A mulher é sempre receptiva (Copini, 2022).

Esse tipo de fala se embasa em uma antiga tradição da ciência, na qual interpretações acerca do homem e da mulher eram resultado de estudos sobre os gametas que atestavam o espermatozoide como ativo, ágil e forte, e o óvulo como passivo, à espera de um espermatozoide. De maneira que “as diferenças anatômicas entre homens e mulheres justificavam uma suposta inferioridade feminina” (Senkevics e Polidoro, 2012, p.17). Cabe aqui lembrar que ideologia pode ser definida como uma visão social de mundo orientada “para legitimar, justificar, defender ou manter a ordem social do mundo” (Löwy, 2015, p. 21 apud Baldi, 2019).

Esse tipo de aplicação da sociobiologia às sociedades humanas revela-se, logo, muito problemática, pela grande variedade e complexidade dos fatores envolvidos. Motivo pelo qual a sociobiologia humana foi duramente criticada, não apenas dentro das ciências sociais mas também no interior da biologia evolutiva, não só por aspectos conceituais e metodológicas reducionistas como pelos riscos da sua aplicação social e política (Ramos, Lencastre, 2013). Isso porque “a partir das diferenças percebidas entre os sexos, constrói-se todo um sistema simbólico sobre mulheres e homens (Scott, 1995), o qual repercute em praticamente todos os aspectos das sociedades ocidentais: a divisão sexual do trabalho, o acesso à educação, a violência sexual, entre outros” (Senkevics e Polidoro, 2012, p.18).

#### **4.5 Gênero e Adoecimento**

Qual seria, então, um modo de compreender o ser humano de maneira mais ampliada?

Butler, (2004) defende que “gênero não é exatamente o que alguém ‘é’, nem é precisamente o que alguém ‘tem’. Gênero é o dispositivo através do qual a produção e a normalização do masculino e do feminino tomam lugar junto de intersticiais formas hormonais, cromossômicas, psíquicas e performativas que o gênero assume” (Butler, 2004, p. 42). Dentro desse referencial, gênero é, em suma, o mecanismo através do qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas. É nesse sentido que a bióloga Fausto-Sterling (2000) defende que “homem” e “mulher” são, em primeiro lugar, categorias políticas. Considera-se, então, que “[...] homens e mulheres são categorias socioculturais, construídas historicamente a partir de práticas, sentidos e significados que, em determinado

contexto, nomeiam o que pertence a um universo masculino ou feminino” (Senkevics, Polidoro, 2012, p.18).

Demonstra-se relevante, então, compreender o que é instituído enquanto masculinidade e feminilidade no presente contexto. Considera-se, por conseguinte, que a performance da masculinidade na nossa cultura se dá em relação ao que se denomina “masculinidade hegemônica”. Este conceito se refere “àquela constelação de atitudes, trejeitos e comportamentos que se tornaram o padrão contra os quais os homens individualmente medem o sucesso de suas conquistas de gênero” (Kimmel, 2016, p. 122). De maneira que sofrem aqueles sujeitos que fogem ao ideal de masculinidade hegemônica estabelecida: situações que implicam ou supõe a perda da eficácia (laborativa e sexual), geralmente se constituem como experiências de grande sofrimento para os homens, colocando em xeque a possibilidade identitária de exercício de certa masculinidade (Zanello, 2018).

Um dado interessante é que, ao contrário da crença popular, os homens mais do que mulheres recebem os benefícios do casamento na saúde mental. Isso ocorre porque as mulheres, mais do que os homens, proporcionam ajuda emocional e outros tipos de suporte no casamento (Combs, 1991). Soma-se a isso uma pesquisa feita por Windmoller & Zanello (2016) na qual foi possível concluir que estar solteiro, separado ou viúvo, é para os homens fator associado ao desenvolvimento de depressão. Evidenciando a condição de aflição a que mesmo os homens (entendidos como grupo dominante, reprodutores de opressão a outros grupos minoritários) estão sujeitos dentro do funcionamento do sistema binário de gênero da nossa sociedade.

O movimento *Red Pill* surge, em vista disso, como um dos representantes e mantenedores do dispositivo e suas opressões, mas também, dialeticamente, se apresenta como uma “solução”, um modo de tratamento, para o sofrimento causado pelo dispositivo nesses homens. Os gurus da TRP prometem um conhecimento transformador e rápido àqueles que se propuserem a consumir seu conteúdo. Ao acessar os sites oficiais dessas figuras, como o de Thiago Schutz, se encontra na primeira página uma chamada: “Inscreva-se hoje na *MasterClass* e nunca mais passe perrengue”; associada a essa mensagem, lê-se: “Tudo o que você precisa saber para superar sua ex, conquistar a mulher que você quiser, consertar seu relacionamento ferrado e como arrumar sua vida para recomeçar com tudo”.

Esse, inclusive, parece ser um fator comum que une os homens que se identificam na comunidade *Red Pill*: terem sofrido um término difícil de relacionamento. No conteúdo TRP, esses sujeitos encontram aconselhamento sobre como se reconstituírem após o término. Além de encontrarem uma comunidade, são encorajados a “aumentarem seu valor”, investirem em

si, melhorarem seu ego por meio de atividades como musculação e ampliem seu contato social para que tenham mais experiência, de forma a agregarem também naturalmente atributos que os tornarão mais “atrativos” para as mulheres. Quanto a isso, Thiago Schutz diz:

Eu falo assim: você é um ser humano funcional, *mano*? Você se vira sozinho em tudo? Você sabe brigar, sabe trocar pneu, sabe cozinhar, sabe pagar contas? Você sabe se virar sem uma mulher?’ Porque na hora que você sabe se virar totalmente sem uma mulher, *cara*, a mulher vira um complemento, *tá ligado*? Então isso que é a parte boa também, não cria uma dependência (Sem Groselha Podcast, 2023).

Procurando formas de resolverem seus conflitos internos, de voltarem a se relacionar com mulheres, porém evitando que ocorram os mesmos problemas, esses sujeitos encontram uma comunidade que promete mudar a forma como se vê o mundo e como não cair mais nessa mesma posição de sofrimento. Agora, para não serem machucados por nenhuma mulher, para não serem mais trocados, aprenderem a ver os sinais que caracterizam o desinteresse da parceira previamente. A obsessão em saber se a mulher está traindo, bem como a grande quantidade de “red flags” a se estar atento, dizem de uma compensação, ou um medo de que se repita um evento dolorosíssimo: um término de relação em que a mulher troca o parceiro por um outro homem entendido como superior em algum aspecto, geralmente financeiro ou físico.

Ainda em sua participação no programa de *podcast* PAPO MILGRAU, enquanto falavam sobre homens que se deparavam com o término de seus relacionamentos após terem tentado tanto agradecer as parceiras, Thiago diz:

Esse é o ponto que dá mais nó na cabeça do *cara* e esse é o ponto que joga o *cara* pra depressão. Porque o *cara* não entende, ele fala assim: “*cara*, eu fiz tudo que ela queria, por que que eu tomei um pé?” [...] Isso leva o *cara* depois do término direto pra fossa, *mano*, pra depressão. Porque a conta não fecha na cabeça dele. Ele fala assim: “*cara*, por que que eu fui dispensado se eu fiz tudo que ela queria? Porque que eu fui dispensado se eu fiz tudo certo? Se eu tivesse feito tudo errado, tudo bem ter sido dispensado”. E aí o *cara* não encontra a solução, *mano*. Ele só encontra a solução na *Red Pill*. Não tem mais nenhum outro lugar, *cara*! (Papo Milgrau, 2023).

Dessa forma, entende-se que a “injustiça” do término é o que joga o homem na depressão, a falta de sentido quanto a esse ponto recebe destaque nos seus discursos. Sofrem por trabalharem pela promessa de que o trabalho os levará à felicidade e que os bens comprarão o amor das pessoas. Negam e se desesperam com a possibilidade de que o que

conquista o amor de uma mulher não necessariamente passa pelo dinheiro, no qual eles tanto se agarram para defender seu valor, seu ser enquanto homem.

Dentro do Livro das Red Flags (2023) se encontra um item que constitui um desses sinais de alerta que merece destaque: “8. Ela teve incontáveis parceiros sexuais”. Explicando adiante no mesmo texto os motivos de esse ser um fator de alerta em relação a uma mulher com quem se pretende se construir um relacionamento é colocado o seguinte: “2. Maior probabilidade de você ser traído e descartado”. Isso parece nos dizer que os adeptos da TRP, na verdade, temem o abandono pelas mulheres, a rejeição delas, serem trocados. Eles temem confiar e se entregar a uma mulher e terem seus corações partidos novamente. Por isso tantos sinais para se estar atento: a obstinação quanto à escolha da próxima parceira nos diz também do medo de que se repita a cena da relação anterior que foi tão dolorosa.

Dentro de uma cultura atravessada por um dispositivo de gênero que “embrutece” os homens, o tratamento que estes, em geral, costumam dar aos seus afetos carece de linguagem. Segundo Nolasco (1995a), para esses homens, “os afetos surgem como elementos estranhos e inquietantes” (Nolasco, 1995a, p. 99); por isso cria-se necessidade de uma resposta rápida, prática, um manual para se seguir que leve direto a uma resolução que não passe pela nomeação dos afetos.

Vem um feedback tipo assim, o *cara* já cai no meu conteúdo e fala “*cara*, estava com esse tipo de pensamento, conheci você e não quero mais pensar sobre isso”. [...] O *cara* vem como se fosse uma ponte de apoio, preciso ouvir alguma coisa de um *cara* que me abriu os olhos, entendeu? O que eu faço? (NEUROTÔNICO, 2022).

De fato, parece mais fácil e conveniente culpar as mulheres e atribuir a elas de forma generalizada uma tendência natural, orgânica, inconsciente, para se comportarem de forma vil e “injusta” em relação aos homens - em um sistema que as favorece de forma velada que a maioria das pessoas “adormecidas” (blue pill) não veem - do que levar em conta fatores menos confortáveis para o ego desses homens nas suas análises sobre por que sofrem/sofreram nas suas relações com as mulheres. Para responder a uma demanda imediata de sentido como essa, uma narrativa como a do TRP é muito oportuna, afinal, “uma ideologia é uma tentativa mais ou menos coerente de trazer respostas a um conjunto de questões extremamente amplas envolvendo a organização desejável ou ideal da sociedade” (Piketty, 2020, p.13).

## 5 THE RED PILL E A SUBJETIVIDADE FEMININA

A filosofia *Red Pill*, em analogia ao longa-metragem *Matrix*, eclodiu como um movimento reacionário comprometido com o despertar dos homens para as dinâmicas relacionais ocultas pautadas na dominação feminina, a partir da instrução de técnicas de sedução e manipulação para atrair companheiras sexuais ideais (Thorn, 2023), distanciando-se das ruínas de se relacionar com àquelas “inadequadas”, culminando na demonização das mulheres, consideradas traiçoeiras, perigosas e ludibriosas, preparadas para usar os homens ao seu bel prazer. Neste sentido, os integrantes da *The Red Pill*, autodenominados vítimas da narrativa feminista de equidade, que oculta a inversão das normas de gênero tradicionais, promovem retóricas superficiais e descoladas da realidade (Thorn, 2023).

Segundo o Redpilled Freeman (2022) em seu livro “Pílula Vermelha – *The Red Pill*”, as relações entre os sexos podem ser metaforicamente descritas como um vasto mercado onde homens e mulheres trocam o seu valor sexual e reprodutivo com o objetivo de estabelecer uma relação de longo ou curto prazo que seja potencialmente benéfica para ambas as partes. O valor de mercado dos homens está atrelado à aparência física e status socioeconômico, atrelados à ideia de sobrevivência e provisão, enquanto o da mulher se relaciona principalmente à beleza e fertilidade, à capacidade de fornecer bons genes à descendência, assim capaz de crescer forte e saudável (Thorn, 2023).

Em consonância, a narrativa dos *redpillers*, superficial e limitada a respeito das mulheres, se apropria do darwinismo e da Psicologia Evolucionista do estadunidense David Michael Buss (Thorn, 2023). Considerar os relacionamentos humanos como prioritariamente instintivos é abrir mão da complexidade dos atravessamentos que incidem sobre os encontros, como também atribuir as singulares dinâmicas históricas, culturais e afetivas ao paradigma neoliberal, de relações de troca e produto.

A representação de mulheres cultuada pelo TRP nega o real e retrocede à busca de uma feminilidade construída em períodos anteriores, com vistas a ser controlada e subjugada. Seus integrantes não conseguem lidar com as conquistas sociais engendradas pelas mulheres que as fizeram ocupar atualmente posições de muito mais reconhecimento e de sujeito de desejo. Tal comprovação desta realidade é o fato de a ideologia desta subcultura masculinista pregar que as mulheres são inferiores aos homens e que devem ser submissas e obedientes, a exemplo de tempos mais antigos (Freeman, 2022).

Somado a isso, o movimento *Red Pill*, assentando-se em uma cosmovisão predominantemente de direita, conservadora e elitista, faz uso do discurso moralista e

religioso ainda permeado no senso comum, que divide as mulheres em “casáveis ou não”, ou, na atualidade, “elegíveis de serem consideradas como pretendentes ou não”. Esse pensamento vai ao encontro da contextualização teórica feita por Zanello (2018), na qual cita que no século XIII a Igreja Católica estabeleceu que a mulher ideal, para casar, era aquela tida como generosa, fiel, pura e assexuada. Nela, valorizava-se como “capital” matrimonial o recato e a virgindade. Além disso, deveria ser obediente, submissa ao marido e provedora de um amor que inspirasse apenas a ordem familiar. O casamento legítimo era aquele colocado a serviço da prole e da família. Esta última foi eleita como centro divulgador da fé cristã, também muito defendida pelo discurso *Red Pill* quando conveniente aos interesses individuais de seus integrantes.

A mulher demonizada e preterida pelo TRP é a que foge a esse ideal histórico-cultural, a mulher que se impõe, sexuada, que não se sacrifica a si e a seus gostos pelo outro, é ambivalente, imprevisível, desejante. No pensamento de Calligaris (2019, pág. 16-17):

“A misoginia entra na cultura ocidental por duas grandes figuras: Pandora, na mitologia Grega, e depois Eva. Nossa cultura é construída, então, em cima da ideia que a mulher é a representante do mal, ou a amiga do demônio. Tudo o que o homem tenta, eventualmente, proibir em si mesmo, inclusive o desejo sexual, é encarnado pela mulher, como grande tentadora. Na cultura ocidental, a figura feminina é uma projeção dos desejos que o homem não conseguiria controlar. Ou seja, é graças a ela que o homem pode justificar o mal que tem em si.”

Ao longo da história, a mulher ocupou o lugar do Outro, aquele que paira na ordem do místico e incompreendido, que não possui definição em si mesmo, mas desenha o masculino como a negação ao feminino: “ser homem é não ser uma mulherzinha”. Nessa conjectura, compreendeu-se a necessidade de controlar a “ameaça feminina” e inúmeras foram as metodologias para tal, resultando em violências como a misoginia, o patriarcado, o machismo e o feminicídio (Kehl, 2016).

Como tentativa de dar borda a esse feminino que sempre suscitou mistério e certo temor nos homens – afinal, “O que queres a mulher?” Quais seus desejos e características? – construiu-se a fantasia masculina de que há “A mulher”. A ideia de que as mulheres formariam um conjunto de sujeitos definidos a partir de sua natureza, ou seja, da anatomia e suas vicissitudes. Com o objetivo de sanar essa demandada, há a construção da ideologia da feminilidade como o conjunto de atributos próprios a todas as mulheres, em função da sua potencialidade procriadora e das particularidades de seus corpos. Os movimentos feministas

contribuíram para desmistificar essa concepção generalizante do que é ser mulher, entretanto, ainda há muito que se desconstruir visto a potência das raízes de tais concepções (Kehl, 2016).

Como sintomática principal, o movimento The Red Pill, possui como sustentáculo a fantasia de que “A mulher” existe, ou seja, de que há uma essência feminina em sua natureza última, presente em todas as mulheres. Ousadamente se propõe a evidenciá-la com o intuito de controlá-la para a “proteção” e benefícios próprio dos homens. No entanto, como afirma Lacan, a crença de que todas as mulheres são iguais e podem ser reduzidas a um único objeto de desejo é alimentada pela cultura patriarcal que constrói as mulheres como objetos sexuais para os homens. "A Mulher" é uma construção simbólica que não tem correspondência na realidade. O autor argumentou que as mulheres são indivíduos únicos com suas próprias experiências, desejos e necessidades e que a ideia de "A Mulher" é uma forma de negar a individualidade e autonomia das mulheres (Freitas, Oliveira, Oliveira, 2011).

Ademais, entre os principais meios de controle do feminino, está a concepção de gênero e os seus dispositivos, estes últimos compreendidos na presente pesquisa a partir da concepção de Foucault (1976) em seu livro “A história da sexualidade I: A vontade de saber”. Para o autor, um dispositivo é invariavelmente um artefato de poder, que opera em determinadas instâncias e se desvela por meio da articulação que constrói a partir de uma multiplicidade de elementos e pela relação de poder que se estabelece entre estes. O gênero não deixa de ser também um dispositivo, assim como um meio pelo qual dispositivos mais específicos vão se ramificando tecendo a teia social. Dessa forma, considera-se que:

gênero deve ser entendido como uma performance, a qual, via repetição estilizada dos atos, vai aos poucos se cristalizando, dando uma ideia (equivocada) de substancialização. Essa repetição não se dá livremente: há scripts culturais (como agir, pensar, sentir, se locomover etc. para ser considerado como “verdadeiramente” uma mulher ou um homem) que já existem antes de nascermos e são mantidos por práticas sociais (Zanello, 2019, p. 48).

Por conseguinte, o ideal de mulher pregado pela Igreja e reiterado pelo discurso Red Pill é um dos muitos dispositivos de gênero, porque estabelece parâmetros para o que se julga serem as características essenciais da mulher. Existem dois grandes dispositivos que engendram a performance dita feminina na atualidade: o amoroso e o materno. Dentre estes, o amoroso apresenta-se como central, e como o maior fator de desempoderamento das mulheres e de empoderamento e proteção psíquica para os homens. Segundo Zanello (2019 cap. 4 pág. 65):

Dizer que o dispositivo amoroso apresenta-se como caminho privilegiado de subjetivação para as mulheres em nossa cultura, significa dizer que as mulheres se

subjetivam, na relação consigo mesmas, mediadas pelo olhar de um homem que as “escolha”. Isto é, o amor, ser escolhida por um homem, é um fator identitário para elas. Diz acerca de certa forma de amar que a elas é interpelada. Em nossa cultura, os homens aprendem a amar muitas coisas e as mulheres aprendem a amar, sobretudo, e principalmente, os homens. Vimos o quão variadas e eficazes são as tecnologias de gênero (revistas, filmes, músicas, novelas etc.) que interpelam performances relacionadas a esse dispositivo, bem como o modo como colonizam afetos. A metáfora que criei para ilustrar essa condição é a seguinte: as mulheres se subjetivam na “prateleira do amor”. Essa prateleira é profundamente desigual e marcada por um ideal estético que, atualmente, é branco, louro, magro e jovem. Assim, se elas são avaliadas, por um lado, em função de sua beleza (e de seu comportamento/performances), por outro, a prateleira do amor, no dispositivo amoroso, outorga o lugar de avaliadores aos homens. São eles que avaliam física e moralmente as mulheres. Os homens, em si, nunca são colocados em questão. E elas acabam por não tomar consciência de sua condição de gênero (ou identidade genérica; segundo Lagarde, 1998). Assim, quem mais lucra com a rivalidade feminina são os homens. A “disputa” entre elas não é por ele, mas pelo reconhecimento (“ser escolhida”) que dele pode advir. As mulheres se subjetivam, assim, em uma carência a ser (Zanello, 2019, p. 65).

A partir do exposto é possível concluir que a teoria do Mercado Sexual proposta pela ideologia Red Pill nada mais é do que uma percepção segmentada, intuitiva e simplória, com viés masculinista, evolucionista, pautado em um ideal estético, discriminatório e racista, do dispositivo amoroso e da prateleira do amor, conceituados pela pesquisadora Valeska Zanello. Nesta teoria, os principais atributos que elevam o valor social da mulher são a beleza, considerada aqui como a aproximação do ideal estético eurocêntrico branco, preterindo as mulheres negras, mais velhas e gordas, à semelhança da prateleira do amor citada pela autora, bem como a fertilidade da mulher. Neste ponto podemos nos aprofundar um pouco mais (Zanello, 2019).

O conceito de fertilidade pontuado pelos redpillers comporta muitas outras questões subjacentes, visto que não faria sentido elevar a capacidade da mulher de ter filhos a um grau tão alto de importância, considerando que a porcentagem das que não querem ou não podem ter filhos não é tão expressiva em números. Na linguagem Red Pill, considerar a fertilidade feminina significa avaliar, segundo critérios moralistas e preconceituosos, a confiança que se pode depositar em tal mulher em relação à paternidade das crianças. Na lógica conservadora, se lê que quanto mais submissa ao desejo do homem, virgem ou com histórico de número reduzido de parceiros sexuais, mais “fértil” é esta mulher, ou seja, mais “elegível” para essa função de mãe da prole (Thorn, 2023).

Em relação ao exposto, tal discurso não é recente, remetendo a períodos retrógrados onde se compreendia ser extremamente importante a maior previsibilidade possível da

autenticidade da descendência para a manutenção das propriedades e bens dentro das famílias de origem, considerando-se épocas em que não existiam exames de DNA e a mobilidade social era mínima, a não ser por heranças e títulos (De Beauvoir, 1949). Todavia, reiterar tais discursos para a realidade atual é retrógrado e adoecedor, porque abarca a consequência de vincular, equivocadamente, características comportamentais a habilidades maternas, “se é virgem e recatada será boa mãe, é uma mulher de verdade”. Além disso, culmina a atribuição de valor ou repressão social a quem cumpre ou não o modelo dito “certo”, ou seja, fortalece uma coerção a um modelo feminino predisposto de ser e se comportar, minando assim a liberdade e saúde mental das mulheres.

Nesse sentido, por que o discurso *Red Pill* é tão perigoso? Como afirmou Zanello (2019), as mulheres se subjetivam na prateleira do amor, ou seja, desde pequenas são, através dos dispositivos de gênero, ensinadas que são faltantes e só se realizarão quando forem escolhidas por um homem. Essa construção de subjetividade atualmente ainda é predominante e demasiado forte, tanto que estrutura um contingente muito bem-sucedido do mercado, como o ramo de casamentos, da estética voltada para mulheres, dos filmes e literaturas românticas que validam esse processo “de ser escolhida”. Nessa conjectura, tendo os homens a posição de avaliadores físicos e morais das mulheres, a consolidação da ideologia *Red Pill* na massa masculina representaria uma forte resistência às conquistas feministas e progressistas, que alcançaram avanços na desapropriação feminina de engendramentos afetivos, existenciais e comportamentais de performances machistas que as causavam sofrimentos intensos.

Seguidamente, pode-se perceber a nocividade do discurso *Red Pill* quando este se propõe a ensinar técnicas de manipulação e controle feminino sob o eufemismo de denominar, às vezes, de táticas de sedução. Não é de hoje que o movimento *Red Pill* e os homens, alguns intuitivamente, compreendem o dispositivo amoroso cravado nas mulheres e seus desdobramentos na dinâmica da prateleira do amor. Dessa forma, essa ideologia tira proveito da vulnerabilidade emocional feminina compilando manuais comportamentais que abarcam performances comportamentais masculinas que visam afetar as mulheres mirando em suas vulnerabilidades subjetivas, criando uma verdadeira pedagogia de relacionamentos abusivos. Tal realidade se evidencia, em falas de *redpillados* como: “não deixe sua mulher sair com qualquer roupa”, “mostre quem manda”. Como o integrante do movimento Freeman (2022, p. 96) deixa explícito:

“Essencialmente, o *Red Pill* já não vê a mulher como um parceiro social em que se possa confiar a longo prazo. Com a arma da indiferença faz com que elas se desacreditem a si próprias (e não é preciso muito em verdade)”.

O autor suscita uma apologia ao tratamento de silêncio e ao gaslighting, termo que indica a manipulação onde se distorce a realidade para desacreditar o discurso do outro em um jogo emocional.

Além disso, a teoria Red Pill sobre o Mercado Sexual e a postura dos homens em relação às mulheres segundo essa cosmovisão engendra e reforça uma série de preconceitos e estereótipos. Tendo o mercado sexual como uma hierarquia valorativa segundo uma perspectiva masculinista, conservadora, elitista, e estando as mulheres negras ao fim desta escala, reforçam-se práticas racistas. Visto que o ideal de beleza cultuado pelo movimento é europeu, e as performances almejadas oriundas de uma educação formal e repertório de oportunidades, os quais são mais disponíveis para a elite branca. Considerando que as mulheres são oprimidas de modos diferentes, é necessário discutir gênero com recorte de classe e raça (Gonzalez, 2020).

O preterimento à mulher preta tem raízes históricas e está engendrado na estruturação social do Brasil, a qual se deu através de muitas décadas de sistema escravocrata e lógica exploratória da terra e recursos. Nos séculos coloniais as mulheres negras e mestiças sofreram inúmeros assédios e abusos sexuais, configurando-se até mesmo enquanto escravas sexuais. O adultério majoritariamente era praticado com as mulheres negras, mestiças ou pobres, “fosse para casar ou fornicar, caberia mesmo às mulheres de cor o papel de meretrizes, de ofício ou amantes solteiras em toda a história da colonização”, tanto que neste período existia o difundido ditado popular “Branca para casar, mulata para foder e negra para trabalhar” (Del Priore, 2011, p. 61).

Desta forma, se teceu no tecido social as raízes do preterimento à mulher negra. O movimento Red Pill atualiza, articula e contribui para a manutenção deste tipo de violência, pois faz apologia em seu discurso de escala valorativa a exclusão e interiorização racial. Segundo a autora Sueli Carneiro (2023) a manutenção do ideário racista necessita para a sua manutenção da naturalização de sua percepção sobre o Outro. É imprescindível que o outro expresse em sua condição aquilo que o ideário racista lhe atribui. Reforçado por Lélia Gonzalez (2020), o papel da mulher negra na sociedade é tido como o de um corpo que trabalha, dá prazer, superexplorado economicamente e sexualmente, o qual se encaixa em uma categoria erótica-exótica.

Além disso, na concepção dos *redpilleds* de valor sexual de mercado se assenta a gordofobia. As mulheres gordas são vistas como de menor valor e até alvos de violências como humilhações e chacotas. Ressalta-se que, na posição de avaliadores morais e físicos do feminino, essa pressão estética pelo corpo magro recai potencialmente sobre a mulher:

encarnar a beleza é uma obrigação para as mulheres, não para os homens. Para Naomi Wolf (1990), a reação contemporânea é intensamente violenta pois a ideologia da beleza, dentre as ideologias do feminino, é a única com poder para controlar as mulheres que a segunda onda do feminismo teria tornado incontroláveis. A prisão da beleza se fortaleceu nos últimos anos para assumir a função de coerção social que o mito da passividade, castidade, maternidade já não conseguem impor.

Nesta perspectiva de preterimento feminino também se enquadram as mulheres “velhas”. Estas são estigmatizadas e ocupam lugares sociais pejorativos por não terem sido “escolhidas”, as beatas, “solteironas”, ou serem divorciadas, mães-solos ou viúvas. Em “O livro das Red Flags”, de Thiago Schutz (índice, 2022), um dos maiores expoentes do Red Pill no Brasil, pontua-se como sinal de alerta características femininas como “Ela é mãe solteira”, “Ela está desesperada para engravidar”, “Ela teve inúmeros parceiros sexuais”, “Ela fez inúmeras modificações estéticas”, “Ela é feminista”, “Ela é infeliz e azarada”. Seguindo nesse raciocínio, chega a apontar até mesmo questões psicofóbicas, como tais critérios, como o descrito no item “Ela usa remédios controlados” e “Ela possui vícios”. Desta forma, é possível inferir que se constrói um anseio por um perfil feminino inexperiente, inocente, recatado, permissível de ser facilmente manipulado, que atenda a demandas sociais de status.

Retomando as tecnologias de gênero determinantes para a configuração da subjetividade feminina atual, há o dispositivo materno. Este também é reiterado, principalmente em suas versões mais antigas e conservadoras, pela perspectiva valorativa Red Pill do que é ser mulher. Zanello (2019, p. 92), aponta:

O termo “dispositivo materno” foi assim escolhido em função da naturalização da capacidade de cuidar (em geral) nas mulheres, decorrente justamente dessa mescla (razoavelmente recente, com o advento do capitalismo) entre a capacidade de procriação e a maternagem, bem como seus desdobramentos, como as tarefas dos trabalhos domésticos e a responsabilização pelo bom funcionamento da casa. Uma diferença física foi transformada em desigualdade social, tanto na atribuição naturalizada das tarefas do cuidar (cuidar dos filhos, da casa, mas também, de enfermos, deficientes, pessoas idosas etc.), quanto na invisibilização e desvalorização delas (mesmo quando exercidas profissionalmente têm baixos salários e, muitas vezes, condições precárias). Se o cuidar é “natural”, seremos demandadas (e nos exigiremos) a funcionar nesse dispositivo. Executar tal cuidado exige dispêndio de energia física e psíquica, além de um saber fazer, “*savoirfaire*”. Ou seja, é trabalho. No entanto recebeu uma “capa afetiva”, para transformar em “espontaneidade” o que é fruto de um processo gendrado de subjetivação, ao qual a cultura presta sua grande contribuição.

As implicações do dispositivo materno no sofrimento psíquico das mulheres são muitas. Em sua intersecção com o TRP pode-se pontuar principalmente a punição e desvalia social para as mulheres que não performam o cuidado. Tal modo engendrado de ser interpelado para as mulheres gera no imaginário social certa confusão de funções nas relações amorosas. É comum a mulher ser demandada pelo parceiro em atribuições que dizem respeito a uma posição materna, ao invés de companheira, gerando sobrecarga, expectativas desalinhadas, sofrimentos e conflitos conjugais. A ideologia dos *Redpillados* é nociva, pois de forma impositiva contribui para a manutenção e potencialização dessa alienação que já está bastante naturalizada na sociedade, visto que cultivam um discurso violento onde só se valida como “verdadeira mulher” a que se propõe a essa performance.

Em consonância com o exposto, está a obra de Maria Rita Kehl “Deslocamentos do feminino” (2016), na qual a autora traz um panorama histórico dos discursos cujo sentido geral foi promover uma perfeita adequação entre as mulheres e o conjunto de atributos, funções, predicados e restrições denominadas feminilidade a cada época. Relação esta que nunca foi perfeitamente conexa, sempre com muitos desencontros e descolamentos. A autora também traz (p. 64):

“A enorme produção teórica entre os séculos XVIII e XIX destinada a fixar a mulher no lugar ao qual sua verdadeira natureza a destinou nos faz desconfiar da “naturalidade” desse lugar. Recordemos a advertência freudiana de que onde não há desejo não é necessário que exista um tabu; ou, com Lacan, que o discurso insiste justamente onde não se encontra a verdade do sujeito: “Eu penso onde não sou”. A insistência dos pensadores do período a que me refiro quanto à natureza feminina revela justamente a emergência, na sociedade moderna, de novas condições de desestabilização da relação entre as mulheres e as formações sociais fundadas na diferença das funções reprodutivas, masculina e feminina.

Diante disto, as performances interpeladas pela ideologia *Red Pill* tanto para seus integrantes como para as mulheres, performances aqui entendidas como modelos de ser, sentir e se comportar, perpassam pelo gênero e seus dispositivos, culminando na importância de se compreender melhor cada vez mais os desdobramentos desses construtos, especialmente considerando as conquistas feministas e progressistas que avançaram na desapropriação feminina de engendramentos afetivos, existenciais e comportamentais de performances que as causavam sofrimentos intensos. Porque sempre enfrentaram resistências, principalmente do corpo conservador e detentor dos privilégios, os quais querem mantê-los a todo custo, a exemplo do movimento *Red Pill* que impele o retorno e saudosismo à época em que esse modelo de pureza feminina tinha mais força, desembocando em um discurso marcado por

rigidez, dicotomia e simplismos, que desconsidera a diversidade de possibilidades, subjetividades e formas relacionais atualmente existentes, em um discurso limitador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como todo fenômeno social, é, pois, um fenômeno político que dá voz às reivindicações de um determinado grupo, a emersão da *The Red Pill* nacional remonta à articulações com a direita alternativa estadunidense, com as respectivas pautas e demandas conservadoras. Ao buscarmos desenhar as linhas de saber que permeiam as suas narrativas, deparamo-nos com a dialética visível no entrelaçamento entre o empresariamento da vida e gestão de subjetividades no neoliberalismo, as estruturas tradicionais de relacionamento (monogamia e cis heteronormatividade) e a apropriação da linguagem científica com fins instrumentais de controle social sobre a construção dos sentidos da ideologia *Red Pill*, que se penetram o cotidiano e nutrem as relações de dominação e submissão por via de tecnologia de poder, culminando na (re)produção de verdades, assim justificando a violência.

Não somente em conformidade com os dispositivos e tecnologias de gênero, como também os potencializando, os ideais *Red Pill* contribuem para a promoção e manutenção do sofrimento psíquico e eventual adoecimento produzido pela existência dentro desse sistema, se apresentando enquanto ameaça à integridade biopsicossocial dos sujeitos de qualquer gênero, na medida em que serve para preservação de desigualdades, portanto, um risco à democracia, considerando os impactos éticos, políticos e afetivos que fomentam discursos de ódio, neonazistas e antiprogressistas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albuquerque, A. S.; Hennigen, I.; Fonseca, T. M. G. (2018). Cartografias no ciberespaço: experimentações metodológicas em espaços híbridos. *Psicologia & Sociedade*, 30. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30174086>.
- Amato, B., & Fuchs, J. J. B. (2022). Discursos de ódio de gênero e subjetivação: Articulações entre masculinismo e extrema-direita. In: Almeida, F. A. *Violência de gênero: Análises, perspectivas e desafios*. São Paulo, 77-92.
- Ambrózio, A. (2012). Governamentalidade neoliberal: disciplina, biopolítica e empresariamento da vida. *Kínesis*, Vol. IV, nº 08, Dezembro 2012, p. 40-60.
- Andrade, B. L. R. (2021). “A culpa é toda delas”: analisando a naturalização do discurso dos celibatários involuntários (incels) no Brasil. *Revista Iberoamericana de Psicologia*, 2(1).
- Andrade, G. I. F. (2013). A trajetória da extrema-direita no Brasil: integralismo, neonazismo e revisionismo histórico (1930-2012). *Anais do 5º Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina “Revoluções nas Américas: Passado, Presente e Futuro*.
- Aos Fatos (2023, março 2). *TikTok e YouTube permitem uso de termos misóginos para classificar mulheres*. Recuperado de <https://www.aosfatos.org/noticias/termos-misoginos-youtube-tiktok/>.
- Araújo, M. P., SILVA, I. P. D.; Santos, D. D. R. (2013). *Ditadura Militar e Democracia no Brasil: História, Imagem e Testemunho*. Rio de Janeiro: Ponteio.
- Baldi, L. A. de P. (2019). A categoria ideologia em Marx e a questão da falsa consciência. *Revista Katálysis*, 22(3), 631–640. <https://doi.org/10.1590/1982-02592019v22n3p631>.
- Barbosa, J. R. (2016). Skinheads chauvinistas: integralistas, os “carecas do subúrbio” e o nacional-socialismo brasileiro. *Tempos conservadores: estudos críticos sobre as direitas*. Goiânia: Gárgula, 77-96.
- Beauvoir, S. (1949). *O segundo sexo*. Paris: Gallimard.
- Benjamin, W. (2013). *O capitalismo como religião*. São Paulo, Boitempo, p. 21-25.
- Bezerra, A. C.; Capurro, R.; Schneider, Marco. (2017). Regimes de verdade e poder: dos tempos modernos à era digital. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, V. 13, N. 2, p. 371-380. DOI: <http://dx.doi.org/10.18617/liinc.v13i2.4073>.
- Borges, S. S. (2022). *Imagens da Ideologia Punitiva: “nova direita” e hegemonia político criminal*. Editora d’Plácido, Belo Horizonte: São Paulo.
- Bruno, F. (2013). *Máquinas de ver, Modos de ser: Vigilância, tecnologia e subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.

- Buss, D. M. (1999). *Evolutionary Psychology. The new science of the mind*. Needham Heights, MA: Allyn e Bacon.
- Buteco Podcast [RESERVA]. (2023, janeiro 5). *MANUAL RED PILL: OS PERIGOS DO RELACIONAMENTO (com Thiago Schutz) | BUTECO PODCAST #092*. [Vídeo]. YouTube. Recuperado de <<https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34&t=0s>>. Acesso em 18 de novembro de 2023.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2003. (Original publicado em 1990).
- Butler, J. (2004). *Undoing gender*. New York, Routledge.
- Carneiro, S. (2023). *Dispositivo de Racialidade, A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro, RJ: ZAHAR.
- Cepêda, V. A. (2018). A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, 40-74.
- Connell, R. W. (2009). *Gender: in world perspective*. Cambridge/Malden: Polity Press.
- Connell, R. W. (2005). *Masculinities*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.
- Copini. (2022, julho 24). *COMO AUMENTAR SUA ENERGIA MASCULINA [e deixar de ser afeminado] ep. 384*. [Vídeo]. YouTube. Recuperado de <<https://www.youtube.com/watch?v=T59GpxyDOy4&list=WL&index=16>>. Acesso em 20 de novembro de 2023.
- Costa, A. A. A., Santana, E. L., & Sobral, R. (2005). As mulheres e as marchas da Família com Deus pela democracia e pela liberdade na Bahia. In: Motta, A. B; Azevedo, E. L.; Gomes, M. Q. C. *Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva geracional*. Salvador: NEIM/UFBA, v. 1, 135-151.
- Costa, C., de Souza, A., & Carvalho, L. (2007). As reformas de base e o golpe de 64. *Em Debate*, (3), 1-9.
- Del Priore, M. (2011). *História de amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações*. São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, G.; Guattari, F. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 01, Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Domingos, J. (2022). Foucault e a pós-verdade: reflexões sobre a contemporaneidade e os novos regimes de verdade. *Policromias – Revista do Discurso*, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 280-298.
- Fausto-Sterling, A. (2000). *Sexing the body: gender politics and the construction of sexuality*. New York: Basic Books.

- Ferreira, D. M. N. (2023). *Algoritmos de recomendação: da banalização das interfaces à violência infocomunicacional* (Dissertação de Mestrado). Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Recuperado de <http://repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/13857/Diss%20509%20-%20D%C3%89BORA%20MILENA%20NIEDZEILSKI%20FERREIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=yhttp://educa.fcc.org.br/pdf/rer/v34n02/v34n02a11.pdf>.
- Filho, S. A. L. A. (2022). *A produção social dos transtornos de ansiedade: reflexões a partir da Psicologia Histórico-Cultural* (Dissertação de Mestrado). Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/4663>.
- Foucault, M. (1976). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Foucault, M. (1990). *Microfísica do poder*. Ed. 9, Org. e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1990.
- Foucault, M. (2008). *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes.
- Franco, S. M.; Leão, A. L. M. S. (2016). Mídiação: da disciplina ao controle, um horizonte de reflexão. *Fronteiras – Estudos Midiáticos*, Vol. 18, N. 3.
- Freeman, F. (2022, setembro 07). *Pílula Vermelha - The Red Pill*. eBook Kindle.
- Freitas, M. F. Q., Oliveira, F. G., & Oliveira, C. C. (2011). *Lacan e a teoria do feminino: a fantasia de "A Mulher" e a castração simbólica*. *Psicologia em Estudo*, 16(1), 129-136.
- Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano, Ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro, RJ: ZAHAR.
- Guattari, F. (2016). Micropolítica do fascismo. *Cadernos de subjetividade*, (19), 9-26.
- Guattari, F.; Rolnik, S. (2005). *Micropolítica: Cartografias do desejo*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Guisolphi, A. J. (2009). As Marchas da Família com Deus pela Liberdade: ideologias e práticas católicas no golpe militar de 1964. *Revista Cadernos do Ceom*, 22(31), 453-458.
- Habermas, J. (2012). *Teoria do Agir Comunicativo 2: sobre a crítica da razão funcionalista*. São Paulo, Martins Fontes .
- Homem, M.; Calligaris, C. (2019). *Coisa de menina? Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo*. Campinas, SP: Papyrus 7 Mares.

- Instagram (2018, abril 19). *Perguntas frequentes sobre as Diretrizes da Comunidade do Instagram*. Recuperado de <https://about.instagram.com/pt-br/blog/announcements/instagram-community-guidelines-faqs>.
- Ivan, R. (2022, abril 4). *Homens são poligâmicos. Mulheres são hipergâmicas*. [Blog]. Diogenes Club. Recuperado de <https://diogenesclub.com.br/a-diferenca-entre-homem-e-mulher/>. Acesso em 20 de novembro de 2023.
- Ivan, R. (2022, maio 7). *Valor sexual de Mercado - Como você pode se tornar mais atraente aumentando seu valor?* [Blog] Diogenes Club. Recuperado de <https://diogenesclub.com.br/o-significa-vsm-valor-sexual-mercado/>. Acesso em 21 de novembro de 2023.
- Kastrup, V. (2007). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 15-22. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100003&lng=pt&nrm=iso).
- Kehl, M. R. (2016). *Deslocamentos do feminino*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Keller, E. F. (2006). Qual foi o impacto do feminismo na ciência? *Cadernos Pagu*, 27:13-34.
- Kimmel, M. (2016). Masculinidade como homofobia: medo, vergonha e silêncio na construção da identidade de gênero. *Equatorial*, 3(4), pp. 97-124.
- Kimmerl, M. (1998). A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, ano 4, 9, pp. 103-117.
- Kirst, P. G., Giacomel, A. E., Ribeiro, C. J. S., Costa, L. A., & Andreoli, G. S. (2003). Conhecimento e cartografia: tempestade de possíveis. In: Fonseca, T. M. G.; Kirst, P. G. (Orgs.), *Cartografias e devires: a construção do presente* (pp. 91-101). Porto Alegre: UFRGS.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. 3. ed. São Paulo: Editora 34.
- Lima-Santos, A. V. S.; dos Santos, M. A. (2022). Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 22(3), 1081-1102.
- López-Ruiz, O. (2007). *Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo: capital humano e empreendedorismo como valores sociais*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial.
- Löwy, M. (2015). Ideologia. In: Löwy, M. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. 20. ed. São Paulo: Cortez, p. 17-45.
- Lyon, D. (2018). Cultura da vigilância: envolvimento, exposição e ética na modernidade digital. In: Bruno, Fernanda et al. (Orgs.). *Tecnopolítica da vigilância: perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, p. 151- 179.

- Martins, E. T. D. C. (2022). *O avanço do neoconservadorismo e a extrema-direita no Brasil: uma análise a partir da Campanha Eleitoral de 2018 ao Governo Bolsonaro* (Tese de Bacharelado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.
- Mattioni, F. C.; Silveira, R. P.; Souza, C. D.; Rocha, C. M. F. (2022). Práticas de promoção da saúde como resistência e contraconduta à governamentalidade neoliberal. *Ciência e Saúde Coletiva*, Vol. 27, N. 08. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022278.23902021>.
- Messenberg, D. (2017). A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília – DF. v. 32, n. 3, p. 621-647.
- Morozov, E. (2018). *Big Tech. A ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu Editora.
- Neurotônico. (2022, agosto 28). *Thiago Red Pill (Acorda para a Realidade!) - Tudo em mente Podcast #35*. [Vídeo]. YouTube. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=yJumeD9FIm8>>. Acesso em 20 de novembro de 2023.
- Nolasco, S. (1995). *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Oliveira, J. C. da C.. (2022). A ética protestante e o reencantamento do mundo na sociedade do trabalho: notas a partir de Max Weber. *Filosofia Unisinos*, 23(2), e23203. <https://doi.org/10.4013/fsu.2022.232.03>.
- Oliveira, P. P. (2004). *A construção social da masculinidade* (Vol. 22). Editora UFMG.
- Orfila, P. A. (2018). *El Clickbait Como Estrategia De Marketing En Los Medios De Comunicación Digitales* (Dissertação de Mestrado). Marketing e Investigación de Mercados de Universitat de Barcelona, Barcelona, Espanha. Recuperado de [https://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/125874/5/TFM-MIM\\_AmerOrfila\\_2018.pdf](https://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/125874/5/TFM-MIM_AmerOrfila_2018.pdf)>.
- PAPO MILGRAU. (2022, março 3). THIAGO SCHUTZ (MANUAL RED PILL) - PAPO MILGRAU #59. [Vídeo]. YouTube. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=iEtXtyVEFSU>>. Acesso em 19 de novembro de 2023.
- PAPO MILGRAU. (2022, novembro 15). VAGNER JESUS - A IMPORTÂNCIA DO VSM NA VIDA DE HOMENS E MULHERES | PAPO MILGRAU #115. [Vídeo]. YouTube. Recuperado de [https://www.youtube.com/watch?v=gMm\\_1CzG4Uc&t=3s](https://www.youtube.com/watch?v=gMm_1CzG4Uc&t=3s)>.. Acesso em 20 de novembro de 2023.
- Pateman, C. (1993). *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Piketty, T. (2020). *Capital e Ideologia*. Rio de Janeiro: Intrínseca.

- Pink & Pill [Oficial]. (2022, outubro 24). *PINK & PILL #35 - VAGNER JESUS*. [Vídeo]. YouTube. Recuperado de <[https://www.youtube.com/watch?v=r5f8dnFEG\\_0](https://www.youtube.com/watch?v=r5f8dnFEG_0)>. Acesso em 17 de novembro de 2023.
- Pinto, C. R. J. (2010). Feminismo, história e poder. *Revista de sociologia e política*, 18, 15-23.
- Postinguel, D. (2023). Autonetnografia e colonialismo de dados: uma tentativa de aproximação entre algoritmos, subjetividade e práticas de consumo em rede. *Mídia e Democracia*, V. 23/24, N. 33/34.
- Ramos, C. M.; Lencastre, M. P. A. (2013). O feminino e o masculino na etologia, sociobiologia e psicologia evolutiva: Revisão de alguns conceitos. *Psicologia*, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 33–61, 2013. DOI: 10.17575/rpsicol.v27i2.421.
- Ramos, J. de S. (2015). Subjetivação e poder no ciberespaço. Da experimentação à convergência identitária na era das redes sociais. *Vivência: Revista de Antropologia*, [S. l.], v. 1, n. 45, Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/8251>.
- RedCast [Oficial]. (2022, fevereiro 19). *THIAGO SCHUTZ - (MANUAL REDPILL) REDCAST #8*. [Vídeo]. YouTube. Recuperado de <<https://www.youtube.com/watch?v=7f1kYXzdnUk&t=0s>>. Acesso em 18 de novembro de 2023.
- RedCast [Oficial]. (2022, maio 4). *PIETRA BERTOLAZZI - "ANTIFEMINISTA" - REDCAST #24*. [Vídeo]. YouTube. Recuperado de <<https://www.youtube.com/watch?v=b3E5iXVQqh8&t=0s>>. Acesso em 23 de novembro de 2023.
- RedCast [Oficial]. (2023, janeiro 25). *GUILHERME BATILANI - REDCAST 82*. [Vídeo]. YouTube. Recuperado de <<https://www.youtube.com/watch?v=Mb7s3BsZEWk&t=4s>>. Acesso em 19 de novembro de 2023.
- Rodriguez, S. S.; Quadrado, R. P. (2021). *Corpos Trans: longe de serem corpos dóceis*. Cad. Gên. Tecnol., Curitiba, v. 14, n. 44, p. 410-433.
- Rohden, F. (2003). A construção da diferença sexual na medicina. *Cadernos de Saúde Pública* 19:201-212.
- Rolnik, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação liberdade, 1989.
- Romagnoli, C. (2009). A Cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia & Sociedade*, 21(2):166-173. Belo Horizonte: Brasil.
- Safatle, V; Júnior, N. da S.; Dunker, C. (2020). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Safatle, V; Júnior, N. da S.; Dunker, C. (Orgs.). São Paulo: Autêntica, 2020.

- Schutz, T. (2022). *O livro das red flags, os 30 comportamentos femininos que podem arruinar a vida do homem moderno*. São Paulo, SP; eBook MRP.
- Schutz, T. (2023). *O Livro das Red Flags: Os 30 comportamentos femininos que podem arruinar a vida do homem moderno*.
- Scott, J. W. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade* 20:71-100.
- Sem Groselha Podcast. (2023, janeiro 5). *Thiago Schutz (Manual Red Pill) - Sem Groselha Podcast #153*. [Vídeo]. YouTube. Recuperado de <<https://www.youtube.com/watch?v=BcP1uYNV-rs>>. Acesso em 19 de novembro de 2023.
- Sem Groselha Podcast. (2023, janeiro 5). *Thiago Schutz (Manual Red Pill) - Sem Groselha Podcast #153*. [Vídeo]. YouTube. Recuperado de <<https://www.youtube.com/watch?v=BcP1uYNV-rs>>. Acesso em 20 de novembro de 2023.
- Senkevics, A. S., Polidoro, J. Z. (2012). Corpo, gênero e ciência: na interface entre biologia e sociedade. *Revista da Biologia* (2012) 9(1): 16-21.
- Silva, A. B.; Brites, C. M.; Oliveira, E. C. R.; Borri, G. T. (2014). A extrema direita na atualidade. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 119, p. 407-445.
- Silva, T. (2019). Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. *VI Simpósio Internacional LAVITS, Assimetrias e (In)visibilidades: Vigilância, Gênero e Raça*, Salvador. Recuperado de <https://lavits.org/wp-content/uploads/2019/12/Silva-2019-LAVITSS.pdf>.
- Silveira, S. A. (2020). Sistemas algorítmicos, subordinação e colonialismo de dados. In: Sabariego, J; Amaral, A. J.; Salles, E. B. C. (2020). *Algoritarismos*. São Paulo, BR, Valencia, ES: Tirant lo Blanch.
- Simon, R. W. (2014). Twenty years on the Sociology of Mental Health: The Continued Significance of Gender and Marital Status for Emotional Well-Being. In: Rr.J. Johnson., Turner, R.J. & Link, B. G. (Orgs.). *Sociology of Mental Health. Springer Briefs in Sociology*, pp. 21-51.
- Simonini, E. (2019). Linhas, tramas, cartografias e dobras: uma outra geografia nos cotidianos das pesquisas. In: Ribeiro, T.; Guedes, A. O. (2019). *Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas*. Rio de Janeiro: Ayvu.
- Strick, S. (2020). The Alternative Right, Masculinities, and Ordinary Affect. In: Dietzee, G; Roth, J. (Orgs.). *Right-Wing Populism and Gender: European Perspectives and Beyond*. 207-230, Transcript: Gender Studies.
- Thorn, H. G. (2013, abril 17). *A superficialidade da ideologia Red Pill*. eBook Kindle.
- Van Valkenburgh, S. P. (2021). Digesting the red pill: Masculinity and neoliberalism in the manosphere. *Men and masculinities*, 24(1), 84-103.

- Vermesan, O. et al. (2011). Internet of Things Strategic Research Roadmap. *SINTEF Digital*. Recuperado de <<http://hdl.handle.net/11250/2430372>>.
- Vilaça, G.; d'Andréa, C. (2021). Da manosphere à machosfera: Práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. *Revista Eco-Pós*, 24(2), 410-440.
- Voks, D. J. (2021). Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro).
- Windmoller, N; Zanello, V. (2016). Depressão e Masculinidades: uma revisão sistemática da literatura em periódicos brasileiros. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 21,n.3, p. 437-449.
- Wolf, N. (2018). *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres* [Versão eletrônica]. (W. Barcellos, Trad.). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Xavier, M. R. P. (2021). *O dispositivo de vigilância algorítmica: algoritmos rastreadores, smartphones e coleta de dados* (Tese de Doutorado). Ciências Sociais da Universidade do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. Recuperado de [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/32760/1/Dispositivovigilanciaalgoritmica\\_Xavier\\_2021.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/32760/1/Dispositivovigilanciaalgoritmica_Xavier_2021.pdf).
- Zago, L. F., Santos, L. H. (2017) Dispositivo, gênero e diversidade sexual : uma incursão teórica. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v. 13, n. 34.
- Zanello, V. (2018). *Saúde Mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris.